

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

PRISCILA XAVIER DE BRITO

**A MEMÓRIA NO ENANCIB: mapeando rumos da pesquisa na Ciência da
Informação (2010 – 2013)**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2015**

PRISCILA XAVIER DE BRITO

**A MEMÓRIA NO ENANCIB: mapeando rumos da pesquisa na Ciência da
Informação (2010 – 2013)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado do Curso de Biblioteconomia e Documentação do Núcleo de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia e Documentação.

Orientador (a): Profa. Ma. Glêyse Santos Santana

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2015

Ficha Catalográfica desenvolvida pela autora.

B861m Brito, Priscila Xavier de

A memória no ENANCIB : mapeando rumos da pesquisa na Ciência da Informação (2010 – 2013) / Priscila Xavier de Brito. - São Cristóvão-SE, 2015.

59 p. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

Orientador(a): Prfª. Mª. Gleyse Santos Santana

1. Ciência da Informação. 2. Memória. 3. ENANCIB. I. Autor. II. Título.

CDU: 02.82-94

PRISCILA XAVIER DE BRITO

**A MEMÓRIA NO ENANCIB: mapeando rumos da pesquisa na Ciência da
Informação (2010 – 2013)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
do Núcleo de Ciência da Informação da
Universidade Federal de Sergipe como pré-
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia e Documentação

Data de Apresentação: 23 de fevereiro de 2015

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Glêyse Santos Santana (UFS)
Orientadora

Prof. Me. Júlio César Rocha da Silva (UFS)
Membro Externo

Profa. Ma. Daniela Moura Bezerra (UFS)
Membro Externo

Em memória a minha querida avó Carmelina, que muito contribuiu para quem sou hoje, e ao meu tio Bebé que nos deixou nesses últimos dias, saudades.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem formaram conquistadas do que parecia impossível”

(Charles Chaplin)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, familiares e amigos por acreditarem em mim. Ao meu namorado e grande amigo, por me ouvir e me incentivar a estudar e não desistir diante das dificuldades. Sem vocês nada disso seria possível. Essa vitória é nossa!

A todos os professores que me proporcionaram conhecimento no processo de formação profissional. Aos amigos que conquistei durante meus estágios, que de alguma forma contribuíram com meu aprendizado. Em especial, agradeço a professora Glêyse Santos Santana, pela orientação, apoio e confiança para a elaboração desse trabalho.

Agradeço a todos que estiveram presente em minha formação acadêmica: aos amigos e colegas que conheci nessa longa caminhada, vocês tornaram minhas noites mais alegres. A minha amiga Jack, companheira de sala que sempre esteve ao meu lado. Sentirei saudades de vocês.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mapear os trabalhos de pesquisa desenvolvidos e apresentados no grupo de trabalho (GT - 10) acerca da Memória do Encontro Nacional de Ciência da Informação no Brasil (ENANCIB). Estão aqui englobados os trabalhos apresentados no período temporal de 2010 a 2013. De forma específica esta pesquisa objetivou contextualizar Memória e Ciência da Informação; classificar as abordagens temáticas ocorrentes no GT-10 do ENANCIB; discutir de que forma se dá a interdisciplinaridade na Ciência da Informação. Como método de trabalho adotou-se a análise de conteúdo dos cento e trinta e cinco (135) artigos correspondentes ao período estudado, fontes essas disponíveis em meio digital. Tais trabalhos ilustram a relação entre ambas, mostrando como o conceito de Memória tem se inserido nos grupos de pesquisas acerca da memória na Ciência da Informação.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Informação. Interdisciplinaridade. Memória.

ABSTRACT

The purpose of this article is to map the developed research papers and presented in the working group (GT - 10) on the memory at the National Meeting of Information Science in Brazil (ENANCIB). Here are gathered the papers presented at the time from 2010 to 2013. Specifically this research aimed to contextualize Memory and Information Science; sort occurring thematic approaches in GT-10 ENANCIB; discuss how to give interdisciplinarity in CI. As a working method adopted the analysis of a hundred and thirty-five (135) items corresponding to the period studied, these sources available in digital form. These works illustrate the relationship between the two, showing how the concept of memory has been inserted in research groups about the memory in Information Science.

Keywords: Information Science. Information. Interdisciplinarity. Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação

CI - Ciência da informação

ENANCIB – Encontro Nacional em Ciência da Informação no Brasil

GT – Grupo de Trabalho

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de memória.....	35
Quadro 2 – Categorias e comunicações.....	35
Quadro 3 - Categoria de Memória Histórica.....	37
Quadro 4 - Categoria de Memória Patrimonial.....	38
Quadro 5 - Categoria de Memória Imagética.....	39
Quadro 6 - Categoria de Memória Cultural.....	41
Quadro 7 - Categoria de Memória Virtual.....	42
Quadro 8 - Categoria de Memória Social.....	43
Quadro 9 - Categoria de Memória Científica.....	44
Quadro 10 - Categoria de Memória Biográfica.....	45
Quadro 11 - Categoria de Memória Institucional.....	46
Quadro 12 - Categoria de Memória Informacional.....	47
Quadro 13 – Autores mais referenciados.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 INTERDISCIPLINARIDADE: breves conceitos.....	14
2.1 A interdisciplinaridade na Ciência da Informação	15
3 MEMORIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	18
4 TEMÁTICAS ABORDADAS NO GT-10 DO ENANCIB E METODOLOGIA DE TRABALHO.....	30
4.1 Análise de conteúdo: breves notas	30
4.3 Trabalhos apresentados no ENANCIB	33
4.3.1 Memória histórica.....	36
4.3.2 Memória patrimonial.....	37
4.3.3 Memória imagética.....	39
4.3.4 Memória cultural.....	40
4.3.5 Memória digital/virtual.....	42
4.3.6 Memória social.....	43
4.3.7 Memória científica.....	44
4.3.8 Memória biográfica.....	45
4.3.9 Memória institucional.....	46
4.3.10 Memória informacional.....	46
4.3.11 Autores mais referenciados no GT-10.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Falar de memória não é tarefa fácil, pois esta abrange uma vasta área do conhecimento científico como a história, documentação, arquivística, museologia, neurociência, filosofia, biologia, ciência da informação, dentre outras. Para cada um desses campos o conceito de memória possui singularidades.

Para a Ciência da Informação, a memória traz uma base de informações armazenadas da história coletiva (passado) de uma comunidade ou de um indivíduo, estabelecendo uma relação de conhecimento (memória e informação). Assim, esta relação acontece no momento em que se reúnem um conjunto de informações do passado.

O tratamento da informação, no sentido técnico do termo, visa precisamente à criação de “memória”, passíveis de serem utilizadas sempre que houver necessidade de recuperar dados (informação) nelas armazenadas. Isso implica procedimentos de controle da informação, de criação de meios de acesso a referidas memórias e de desenvolvimento de dispositivos susceptíveis de acionar os meios de acesso, com vista à recuperação da informação armazenada (SILVA, et al.1998, p. 27).

Esta memória necessita ser cristalizada, disseminada e encontra na Ciência da Informação uma aliada em estratégias para a socialização da informação patrimonial, através de procedimentos técnico-específicos que irão potencializar, difundir e valorizar a disseminação desta memória.

Diferente de outras áreas do conhecimento, não cabe a Ciência da Informação (CI), entender o passado histórico, pois para ela, a memória de ontem e de hoje tem o mesmo valor documental. Dessa forma, a Ciência da Informação busca entender os registros e sua criação, tendo como objetivos, tratar, preservar, conservar, manter livre de danos e zelar pela integridade das informações neles contidas quer sejam do passado, quer sejam do presente.

Dessa forma, a Ciência da Informação (CI) abrange uma área multidisciplinar do conhecimento científico - como a biblioteconomia, a arquivologia, a comunicação, dentre outras áreas – tendo como peculiaridade, entender os registros presentes nos documentos e como processá-los para que se tenha difusão e acesso de qualidade à informação. Isso inclui a coleta, organização, armazenamento e recuperação no uso da informação.

A relação entre memória e ciência da informação, como anteriormente dito, é de caráter multidisciplinar, e abrange diferentes vertentes, possibilitando pesquisas a partir de abordagens diferenciadas da memória enquanto registro informacional. Tal fato é de grande importância para a construção da memória social do país.

Os estudos que são realizados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil (ENANCIB), é promovido anualmente pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), constituem o principal evento de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.

O evento consiste de um foro privilegiado para apresentação e para discussão da pesquisa científica em Ciência da Informação, sendo a maior reunião brasileira entre estudantes, pesquisadores, professores e demais profissionais desse campo do conhecimento.

Além das apresentações de artigos e pôsteres, O ENANCIB é um evento peculiar orientado à comunidade científica da Ciência da Informação, com a programação focada essencialmente na apresentação de pesquisas concluídas ou em andamento.

Dessa maneira, este trabalho intitulado *A Memória no ENANCIB: mapeando rumos da pesquisa na Ciência da Informação (2010 – 2013)*, busca estudar a relação de pesquisa entre Memória e Ciência da Informação. Para relacionar Memória e Ciência da Informação utilizou-se como base de pesquisa para este trabalho o ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil, evento que congrega as principais pesquisas em Ciência da Informação no Brasil. Nele, os grupos de trabalhos apresentam suas pesquisas em determinadas áreas da Ciência da Informação (CI) no país. Os trabalhos já apresentados possibilitam identificar as linhas de pesquisa em cada região do país e são de grande importância para o aprimoramento de profissionais da área.

Assim, a questão de pesquisa que norteia esse trabalho é: quais as principais abordagens temáticas acerca da memória na área da Ciência da Informação, publicados no Grupo de Trabalho nº 10 (Informação e Memória) do Encontro Nacional de Ciência da Informação? Como a memória vem sendo trabalhada no GT-10 do ENANCIB?

A hipótese construída é a de que as abordagens temáticas sobre memória trabalhada no GT-10 intitulado “informação e memória”, do ENANCIB suscitam diversas possibilidades de pesquisas para a Ciência da Informação e caracterizam a multidisciplinaridade inerente a esta ciência.

Dessa forma, tem-se como objetivo geral, mapear os trabalhos de pesquisa desenvolvidos e apresentados no Grupo de Trabalho sobre a Memória no Encontro Nacional de Ciência da Informação no Brasil (ENANCIB), no período temporal de 2010 - 2013. Os objetivos específicos são: conceituar interdisciplinaridade e como a ciência da informação tem interagido com esta; correlacionar Memória e Ciência da Informação; classificar as abordagens temáticas ocorrentes (e recorrentes) no GT-10 (Informação e memória) do ENANCIB e a metodologia de trabalho; mostrar a que conclusões a pesquisa nos revela.

Metodologicamente, esta pesquisa classifica-se como qualitativa uma vez que possui enfoque exploratório para aprofundar o conhecimento sobre a realidade. A utilização de pesquisa qualitativa, se ajusta melhor a casos onde há maior demanda de pessoas, uma população maior, e exerce um papel auxiliar de “termômetro” ao permitir a análise descritiva do real ao traçar o perfil de fatores que influenciam o processo. Está inserida na linha Memória, Informação e Sociedade e tem como procedimentos básicos o levantamento bibliográfico em que se dá a revisão de literatura e o levantamento de documentos - artigos publicados nos anais do ENANCIB. Os artigos publicados no período compreendido entre o ano de 2010 a 2013 perfazem um total de 135 trabalhos organizados anualmente e arquivados em meio digital. Foram produzidas fichas de resumo dos conteúdos tratados nos artigos, e os temas levantados a cada ano, foi sistematizado em tabelas do Word, programa Microsoft Office e agrupados em novas unidades temáticas. Dessa forma, a análise de conteúdo foi o procedimento técnico adotado porque aqui se visa à exploração do conteúdo relevante de mensagens escritas ou qualquer via de estabelecimento de comunicação. Os temas emergirão dos conteúdos extraídos dos artigos à luz do nosso referencial teórico. (MINAYO,1994).

A justificativa e relevância desse trabalho se dá em face de evidenciar a importância da memória para a Ciência da Informação, que é representada sob várias formas de registro, toda informação é recolhida, preservada e organizada para que se tenha uma memória preservada. Muito se esquece da importância da memória, sendo preciso entender que cada época tem sua importância, pois uma nova descoberta científica é baseada em uma informação passada que não pode ser simplesmente deletada. Visamos também contribuir para identificar os profissionais da área que trabalham e como estão trabalhando o tema.

Como referenciais teóricos para o desenvolvimento desse trabalho foram consultados os seguintes autores: Jacques Le Gooff e Maurice Halbwachs com seus estudos acerca da memória social individual ou coletiva, mostrando a sua importância da oralidade até o surgimento da escrita; Antônio Miranda, Azevedo Netto, Pacheco, Marlene de Oliveira, Eliane Braga de Oliveira e Georgete Medleg Rodrigues com pesquisas sobre CI e sua relação com a Memória; Os autores Armando Malheiro e Fernanda Ribeiro, que com sua obra “Paradigmas serviços e mediações em Ciência da Informação” contribuem de forma significativa mostrando a evolução dos serviços para a mediação da informação na CI; além de outros autores que se encontram nas referências e não foram citados nesse texto, mas também contribuíram para elaboração desse trabalho.

Este trabalho está estruturado em cinco seções, a saber: na primeira delas, a *Introdução* onde foi elencado o tema, a linha de pesquisa na qual o tema está inserido, os

objetivos geral e específico, a hipótese, o problema, justificativa e a metodologia usada para realização deste trabalho; A segunda seção, intitulada *Interdisciplinaridade*, é analisada a questão da interdisciplinaridade da Ciência da Informação; Na terceira seção *Memória e Ciência da Informação* aborda os conceitos e a relação entre Memória e Ciência da Informação; Na quarta seção, as *Temáticas abordadas no GT-10 (Informação e Memória) do ENANCIB e a metodologia de trabalho*, trata-se de uma análise de conteúdo dos diferentes temas encontrados nos trabalhos apresentados no GT-10 (Informação e Memória) do ENANCIB; Na quinta e última seção as *Considerações Finais*, são apresentados os principais resultados a que se chegou, a partir das definições e análises das pesquisas que foram levantadas.

2 INTERDISCIPLINARIDADE: BREVES CONCEITOS

O estudo sobre a interdisciplinaridade vem tomando espaço nas pesquisas de especialistas de várias disciplinas. Segundo Petraglia (1993), citado pelas autoras Garrutti e Santos (2004), o movimento da interdisciplinaridade surgiu na Europa, essencialmente, na França e na Itália, em meados da década de 1960. Nesta época, os movimentos estudantis lutavam por um novo estatuto de universidade e escola. Também, por parte de alguns professores, apareceram várias tentativas de buscar o rompimento com uma educação segmentada.

No Brasil, o movimento começou a ganhar forças na década 1970. Buscava-se a totalidade como forma de reflexão, no entanto, a interdisciplinaridade tendeu para um modismo, em alguns lugares. Assim, o estabelecimento de novos programas educativos caracterizou-se pela justaposição das disciplinas. (GARRUTTI; SANTOS, 2004)

Para as autoras Garrutti e Santos (2004), no campo científico, a interdisciplinaridade equivale à necessidade de superar a visão fragmentada da produção de conhecimento e de articular as inúmeras partes que compõem os conhecimentos da humanidade. Busca-se estabelecer o sentido de unidade, de um todo na diversidade, mediante uma visão de conjunto, permitindo ao homem tornar significativas as informações desarticuladas que vem recebendo.

A interdisciplinaridade não se trata de eliminar as disciplinas, trata-se de torná-las comunicativas entre si, concebê-las como processos históricos e culturais, e sim torná-la necessária a atualização quando se refere às práticas do processo de ensino-aprendizagem.

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. BRASIL (1999, p. 89).

A interdisciplinaridade é compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para propor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber.

Segundo Fazenda (2002), o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas.

Ampliado através do diálogo com conhecimento científico, tende a uma dimensão maior, a uma dimensão ainda que utópica capaz de permitir o enriquecimento da nossa relação com o outro e com o mundo.

A prática da interdisciplinaridade não visa à eliminação das disciplinas, já que o conhecimento é um fenômeno com várias dimensões inacabadas, necessitando ser compreendido de forma ampla. O imprescindível é que se criem práticas de ensino, visando o estabelecimento da dinamicidade das relações entre as diversas disciplinas e que se aliem aos problemas da sociedade. Isso ocorrerá por intermédio da construção lenta e gradual.

Portanto, a prática da interdisciplinaridade estabelece o papel de processo contínuo e interminável na formação do conhecimento, permitindo o diálogo entre conhecimentos dispersos, entendendo-os de uma forma mais abrangente. O enfoque interdisciplinar constitui a necessidade de superar a visão mecânica e linear e,

[...] reconstituir a unidade do objeto, que a fragmentação dos métodos separou. Entretanto, essa unidade não é dada a "priori". Não é suficiente justapor-se os dados parciais fornecidos pela experiência comum para recuperar-se a unidade primeira. Essa unidade é conquistada pelas "práxis", através de uma reflexão crítica sobre a experiência inicial. É uma retomada em termos de síntese. (FAZENDA, 1992, p. 45).

4.1 A interdisciplinaridade da Ciência da Informação

Para entendermos melhor a interdisciplinaridade que envolve a Ciência da Informação recorreremos a alguns autores que abordam o assunto com vários conceitos e em épocas diferentes, mostrando assim que essa interação já vem acontecendo há décadas.

Segundo os autores Wersig e Nevelling (1975), a Ciência da Informação (no plural) estando nela englobados, a biblioteconomia, arquivologia, museologia, comunicação e a educação. Este conjunto de disciplinas aparece vinculado à teoria da informação, contém áreas e teorias que se relacionam com a Ciência da Informação: cibernética, semiótica, teoria dos sistemas, teoria da comunicação, filosofia, matemática, linguística, direito e ciência da computação.

Ainda em uma época próxima, o pesquisador Japiassu em 1976, relata que a pesquisa interdisciplinar se faz das aproximações das interações e dos métodos comuns às diversas especialidades. Já em Japiassu e Marcondes (1991), definem interdisciplinaridade como um método de pesquisa capaz de promover a interação entre duas ou mais disciplinas. Esta

interação, segundo os autores, pode ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa.

Já para Clerk (1996) entender a interdisciplinaridade é preciso partir da disciplinaridade, uma vez que as especialidades do conhecimento são os fundamentos nos quais tudo é construído. Enquanto que em 1999, Sarasevic, entende que a interdisciplinaridade foi introduzida na ciência da informação pelas muitas diferenças de formação e áreas de origem das pessoas que tratam dos problemas da própria ciência da informação.

Nos anos 2000, novas visões surgem. A relação interdisciplinar da ciência da informação com outras áreas do conhecimento visando à cooperação acontece graças a um intercâmbio entre essas disciplinas que buscam dividir novas metodologias, novas teorias, conhecimentos científicos, presando sempre as suas características individuais. Assim afirmar as autoras:

A interdisciplinaridade abre as barreiras disciplinares permitindo que as disciplinas façam incursões umas nas outras, intercambiando conhecimentos e procedimentos ou mesmo criando outros novos. Essas novas disciplinas vão manter suas características próprias, tendo em si a abertura à troca com outras disciplinas, de maneira mais profunda e dinâmica. Esta abordagem exige grande interação dos membros do grupo os quais devem assumir posição de aprendizagem, buscando a evolução do conjunto dos pesquisadores. (BICALHO; OLIVEIRA, 2005, p. 4)

Seguindo o mesmo pensamento a pesquisadora González de Gómez (2003), define interdisciplinaridade como geração de conhecimentos através de diferentes modalidades de interação visando à integração de conceitos, métodos, dados, ou as abordagens epistemológicas de múltiplas disciplinas em torno de uma ideia, problema, tema, ou questão em particular; A interdisciplinaridade se desenvolveria dentro do campo científico, buscando a superação e reformulação das fronteiras paradigmáticas.

Também a pesquisadora Henriette Gomes em 2001, reflete sobre as buscas por novas experiências de estruturação das disciplinas científicas por estarem em uma área “fronteiriça” a outras áreas do conhecimento e, especialmente, por trabalharem problemas relacionados à informação, com alto nível de complexidade. Sendo assim, uma disciplina pode interagir cientificamente e abertamente com outras disciplinas. Mas para isso é necessário compor-se de um núcleo de conhecimentos, métodos de investigação e um campo experimental, para que sejam criados contextos de trocas de conhecimentos e de métodos com outras disciplinas.

Uma ciência deve possuir definições próprias sólidas, baseadas em acordos tácitos sobre “suas bases, suas atividades e perspectivas futuras, determinando, assim, seu núcleo básico orientador das ações investigativas, a partir do qual se torna possível o diálogo com qualquer outra disciplina”, e não apenas a absorção de narrativas. O debate científico aberto entre as disciplinas é fundante da verdadeira interdisciplinaridade (GOMES, 2001, p. 4).

A ciência da informação vai além da organização e disseminação da informação. Integrada às ciências sociais e em meio a grandes avanços econômicos e tecnológicos encontrou novos desafios, buscando junto a outras ciências como a psicologia, informática, história e outras, consolidar estudos científicos para resoluções de problemas metodológicos.

De prática de organização a ciência da informação tornou-se uma ciência social rigorosa, sob o efeito de uma demanda social crescente e de novos desafios sociais e grandes avanços econômicos. Os estudos científicos, feitos no início por pesquisadores de fora da área e da profissão, como os de psicologia, sociologia, economia, informática e telecomunicações, contribuíram muito para uma cientificização. (LE COADIC, 2004, p. 19-20).

Percebe-se então, a necessidade da unificação do conhecimento, com a crescente procura pela informação. É preciso relacionar e interagir os conhecimentos que chega através dessa informação, para que não se tenha uma visão fechada do mundo. Tendo assim a construção do conhecimento de forma real, vindo a construir a consciência de cada um. Não há ciência sem informação, sem esta não se evolui e não se desenvolve pesquisas. Por isso a importância da interação entre disciplina, é preciso que a informação seja passada adiante e assim se assimile melhor o conhecimento e as competências de cada uma.

Segundo Le Coadic (1996), a informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem a informação a pesquisa seria inútil e não existiria conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente. Essa circulação está relacionada aos estudos e à missão da CI, sabendo que a assimilação, compreensão e apropriação da informação são sempre feitas de indivíduo para indivíduo e dependerá das competências específicas de cada um.

3 MEMÓRIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Desde a organização das primeiras civilizações, quando ainda não existia a escrita, o homem transmitia informações de forma oral através de músicas, conversas, rimas, poesias, saberes, crenças, valores e costumes. Dessa forma, memorizavam-se as informações julgadas importantes e fundamentais visando transmiti-las às futuras gerações. “O primeiro domínio no que se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico - à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem” (LE GOFF, 2003, p. 424).

A memória quer seja histórica, individual ou coletiva é inerente às sociedades desde os primórdios da organização social e nasceu a partir de fatos e acontecimentos importantes do cotidiano. Na medida em que o homem interagiu com seu ambiente natural e foi por ele transformado, desenvolveu habilidades que lhe permitiu ser estratégico e racional. Tais habilidades lhe permitiu criar ferramentas artificiais que aperfeiçoaram seus dons naturais tornando-os mais competitivos, ao tempo em que construía a memória individual e coletiva.

Para Maurice Halbwachs (2011), o indivíduo recorda quando a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais. Sendo assim, a memória coletiva ou social é construída a partir de ideias individuais, pois o homem está sempre interagindo em grupos sociais, e a partir dessa interação constrói-se a memória individual e coletiva, pois, ao inserirem-se em grupos, compartilham seus conhecimentos e suas histórias, criando laços no processo de construção de memórias.

A memória possibilita os acontecimentos passados emergirem para o presente. A herança de grupos sociais é constituída por vários pensamentos individuais e existem para que cada um de nós possamos conhecer nossas origens. Para Halbwachs (2011), nossas lembranças são coletivas, recordamos em função do outro, carregamos sempre conosco histórias que lemos ou ouvimos e, ao lembrarmos um fato logo o associamos a uma imagem.

Como já foi dito anteriormente, a memória, no sentido de registro, surgiu mesmo quando ainda não existia escrita. A informação oral surgiu aos poucos, no dia-a-dia. Para o pesquisador Le Goff (2003), a memória das culturas sem escrita, e em muitos setores da nossa própria, é o acúmulo de elementos que fazem parte da vida cotidiana. Este autor afirma ainda que, a memória coletiva dos povos sem escrita funda-se nos mitos de origem, nas famílias dominantes e no saber técnico, ligado a fórmulas religiosas. Os reis gravavam em pedras seus feitos, suas vitórias pois era a forma de deixar registrado o que lhes convinham. Além disso,

os homens-memória tinham a função social de guardiões de acontecimentos importantes, pois podiam narrar todos os fatos de cada reinado e com isso destacavam-se socialmente, e dispunham de informações importantes, principalmente de origem religiosa e jurídica.

Jacques Le Goof (2003), relata a forte influência da religião na memória antiga, principalmente nas recordações dos santos e na relação entre o homem e Deus. Isso influenciou também a memória no período da Escolástica na qual o aluno devia registrar em sua memória todos os textos sagrados, através de métodos mnemotécnicos como cantos, poemas alfabéticos, os glossários aprendidos palavra por palavra. Os monumentos arquitetônicos, as estátuas que representassem os mortos, as festas comemorativas, as fotografias, eram também formas de recordar o passado.

Assim, mesmo quando a escrita passou a existir, a informação oral continuou sendo importante através dos saberes e costumes. É somente com a escrita que se dão as grandes transformações da sociedade, criando-se assim uma memória coletiva.

O pesquisador Marcos Galindo (2012), ressalta que aos poucos o homem aprendeu com novas experiências. Assim, registrou e aperfeiçoou informação, passou a articular linguagem complexa e, principalmente, foi capaz de disseminar socialmente o conhecimento armazenado.

O homem utilizou-se de diversos suportes para deixar registrados os acontecimentos de sua época, tais como: pedras, ossos, placas de bronze, tabuletas de argila ou cera, papiros, peças de linho, seda, pergaminhos, fotografias e papel. Este último é o principal suporte de todos os tempos para os registros humanos, desde a antiguidade aos nossos dias. O papel ainda é a melhor forma de se preservar o conhecimento humano.

Já no século XIX, o documento tornou-se o principal meio de transmissão do conhecimento às futuras gerações. A sociedade evoluiu tecnicamente, a imprensa se desenvolveu por completo, houve o crescimento de novas instituições e novos tipos de documento surgiram. Tal desenvolvimento demandou uma maior necessidade de registro de informações para que não se perdessem. Acerca da informação registra o filósofo “é preciso que a memória se esforce por conservá-la. Mas a memória não é sequer capaz de conservar todas nossas ideias, e é muito importante que possamos conservar as de outros homens” (ORTEGA y GASSET, 2006. p. 16).

Com tanta produção foi preciso organizar, preservar e guardar a memória documental produzida pelas sociedades. Para isso foram criadas instituições como os arquivos, bibliotecas, museus e recentemente os centros de documentação e memória, que são

responsáveis pela guarda de documentos históricos que também representam a memória coletiva de uma sociedade.

Dessa forma desenvolveu-se o paradigma custodial. Este modelo iniciado a partir dos ideais Iluministas do final do século XVIII e, sobretudo, a partir da Revolução Francesa, em 1789, defendia que as entidades privadas e estatais passassem a concentrar a documentação e bibliografia, em Arquivos e Bibliotecas Nacionais, guardando documentos como patrimônio da sociedade para servir como fontes de pesquisa. (MIRANDA, 2010).

Tal noção foi incorporada pelas diversas nações e ainda se faz presente em muitos países. Em relação aos patrimônios culturais apresenta algumas características como a valorização da custódia (guarda), conservação e restauro de suportes; a identificação do serviço custodial e público, preservando a cultura e a memória como fonte de vida de um Estado-Nação; e a criação de fontes de pesquisa devidamente elaboradas por profissionais devidamente treinados (guias, catálogos, índices, inventários) dos documentos (SILVA et. al., 2011).

Para SILVA et al. (2011), um fato importante que marca a trajetória da memória foi sem dúvida a Revolução Francesa que propiciou mudanças importantes para a sociedade, criando a nação do Estado de Direito¹, onde as pessoas poderiam ser cidadãs tendo acesso a informações pelo conhecimento de seus direitos e deveres. Nesse período, os arquivos que antes eram confinados em igrejas, mosteiros, palácios, nos quais só a nobreza e o clero exerciam poder, foram então abertos à sociedade.

Com o nascimento dos Estados, a necessidade de se registrar as informações nos arquivos era cada vez maior. Após a instauração da imprensa e depois no século XIX, quando o volume documental e bibliográfico cresce em volume e importância este fato se agravou. Contudo, principalmente após as duas grandes Guerras Mundiais foi preciso criar-se instituições públicas para guardar a grande demanda de documentos e abri-los para consulta da sociedade. Houve então um tripé da informação, que foi a criação de instituições que iriam guardar e preservar as informações de uma nação no caso: arquivos, bibliotecas, museus e, mais recentemente, os Centros de Documentação e Memória, que tratam de um conhecimento mais especializado.

Mas de nada valem essas instituições que guardam a memória de uma sociedade se elas não definirem seus critérios de políticas documentais, não terem profissionais qualificados e

¹ Estado de Direito: O Estado de direito tem sua consagração com a afirmação do princípio da legalidade como meio limitador do poder, o que ocorreu sob a influência liberal incorporada à concepção de Estado, sobretudo, com a Revolução Francesa de 1789. (Morais Junior, 2007).

conhecerem a importância de cada documento, mantendo-os livres de danos, zelando por sua integridade para que as informações que neles contem, sejam acontecimentos passados ou presente. As informações estão representadas em registros de vários suportes para que possam servir de estudo para pesquisadores.

A transformação da linguagem oral para a linguagem escrita trouxe nova forma de armazenamento da memória. Esta sai do homem que é limitado e são transferidas para suportes físicos como o papiro, pergaminho e papel, que são organizados e conservados em arquivos e bibliotecas. Vale ressaltar que o indivíduo possui uma grande quantidade de informações que absorvem em seu cotidiano e a perda desta memória pode afetar a origem e a identidade de povos coletivos como afirma o autor:

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes do passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conversam alguma lembrança. (HALBWACHS, 2011, p.101).

Com o aparecimento da escrita, surgem grandes mudanças para a memória coletiva. Deu-se a partir daí um processo na forma de representação e preservação desta, como os monumentos que eram uma forma de celebração de acontecimentos importantes e depois os documentos escritos. Desta maneira as informações eram asseguradas por longos anos para as futuras gerações.

O homem atual tem suas ideias, seus conceitos e culturas baseados no passado que cada um carrega desde que nasceu. Daí seja de forma oral ou a partir da escrita o homem começa a conhecer seu passado através de uma memória conservada e que tem o poder de gerar conhecimento.

Assim, a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada (LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória de uma comunidade, como ela viveu, todos os acontecimentos passados são desvendados a partir de documentos escritos e de testemunhos orais, que são conhecidos até os dias de hoje graças a instituições como arquivos, bibliotecas, museus, arquiteturas, comemorações simbólicas, peregrinações, autobiografias e todas as recordações pessoais chamadas de não oficiais, que representam a identidades de um grupo e se constituem documentos/monumentos (LE GOFF, 2003).

Para Le Goff (2003), o documento é um monumento criado pela sociedade para passar as futuras gerações, suas imagens. Dessa maneira, além de serem objetos físicos, os documentos eram também fontes indispensáveis para a produção de conhecimento científico e a identidade (ou valorização) da cultura de uma nação. Os monumentos assim como os documentos são heranças do passado que fazem recordar algo importante da história que precisa ser registrado através de obras de arquiteturas ou da escritura.

Sendo assim, não há história sem documento, mas ela não se faz apenas de documentos escritos. É preciso que o pesquisador/historiador busque em outras fontes quando estas não existirem, sejam em imagens, símbolos, análises em pedras, metais, em tudo que demonstre a vivência do homem e de sua origem.

Para SILVA et al. (2011), um fato importante que marca a trajetória da memória foi sem dúvida a Revolução Francesa que propiciou mudanças importantes para a sociedade, criando a nação do Estado de Direito¹, onde as pessoas poderiam ser cidadãos tendo acesso a informações pelo conhecimento de seus direitos e deveres. Nesse período, os arquivos que antes eram confinados em igrejas, mosteiros, palácios, nos quais só a nobreza e o clero exerciam poder, foram então abertos à sociedade.

Dessa forma desenvolveu-se o paradigma custodial. Este modelo iniciado a partir dos ideais Iluministas do final do século XVIII e, sobretudo, a partir da Revolução Francesa, em 1789, defendia que as entidades privadas e estatais passassem a concentrar a documentação e bibliografia, em Arquivos e Bibliotecas Nacionais, guardando documentos como patrimônio da sociedade para servir como fontes de pesquisa. (MIRANDA, 2010).

Tal noção foi incorporada pelas diversas nações e ainda se faz presente em muitos países. Em relação aos patrimônios culturais apresenta algumas características como a valorização da custódia (guarda), conservação e restauro de suportes; a identificação do serviço custodial e público, preservando a cultura e a memória como fonte de vida de um Estado-Nação; e a criação de fontes de pesquisa devidamente elaboradas por profissionais devidamente treinados (guias, catálogos, índices, inventários) dos documentos (SILVA et. al., 2011).

Com o nascimento dos Estados, a necessidade de se registrar as informações nos arquivos era cada vez maior. Após a instauração da imprensa e depois no século XIX, quando o volume documental e bibliográfico cresce em volume e importância este fato se agravou. E o documento tornou-se o principal meio de transmissão do conhecimento às futuras gerações. A sociedade evoluiu tecnicamente, houve o crescimento de novas instituições e novos tipos de documento surgiram. Contudo, principalmente após as duas grandes Guerras Mundiais foi

preciso criar-se instituições públicas para guardar a grande demanda de documentos e abri-los para consulta da sociedade. Houve então um tripé da informação, que foi a criação de instituições que iriam guardar e preservar as informações de uma nação no caso: arquivos, bibliotecas, museus e, mais recentemente, os Centros de Documentação e Memória, que tratam de um conhecimento mais especializado.

Tal desenvolvimento demandou uma maior necessidade de registro de informações para que não se perdessem. Acerca da informação registra o filósofo “é preciso que a memória se esforce por conservá-la. Mas a memória não é sequer capaz de conservar todas nossas ideias, e é muito importante que possamos conservar as de outros homens” (ORTEGA y GASSET, 2006. p. 16).

Com a criação dos Arquivos Nacionais, considerados como o primeiro serviço público de informação, a informação deixou de ser privilégio dos poderosos e passou a ser um direito do cidadão. Começa aí a construção do paradigma referenciado como o historicista, custodial e patrimonialista, que se caracteriza por serviços públicos gratuitos, com missão de guardar, tratar e difundir a documentação de interesse histórico, cultural e que se institui a educação. Esses serviços eram designados às instituições como os arquivos e bibliotecas, que dispunham de profissionais tais como arquivistas, paleógrafos, bibliotecários, realizando atividades de organização de índices, inventários, catálogos, classificação dos documentos (SILVA et al., 2011).

Seus acervos continham documentação de caráter administrativo, de interesse histórico (livros, revistas, jornais (culturais ou científicos)). O acesso era feito através de consulta presencial em sala de leitura, utilizado por historiadores, intelectuais, investigadores e cidadãos do povo e da burguesia. O paradigma custodial desenvolveu-se principalmente por meio de uma formação localizada e centralizada nos profissionais bibliotecários, arquivista e museólogo (biblioteca, arquivo e museu), com suas tarefas e exigências práticas. Os documentos além de objetos físicos eram também fontes para a produção da ciência e da valorização de um povo. Estes profissionais das instituições tinham como missão guardar os documentos antigos e raros que eram colocados nestas instituições criadas pelo Estado após a Revolução Francesa (SILVA et. al., 2011).

Mas, ao contrário, do que se esperava com as leis revolucionárias de acesso aos conteúdos em arquivos e bibliotecas onde os documentos deveriam estar acessíveis a todos, houve uma série de obstáculos socioculturais tais como: o analfabetismo, tecnológicos, socioeconômicos e administrativos. Ao contrário do que pregava a lei revolucionaria, o que era para ser uma questão de mediação positiva no acesso à informação tornou-se negativa

porque só funcionou como guarda do patrimônio cultural e desprivilegiou o acesso e difusão ao cidadão. (SILVA et al., 2011).

Mas de nada valem essas instituições que guardam a memória de uma sociedade se elas não definirem seus critérios de políticas documentais, não terem profissionais qualificados e conhecerem a importância de cada documento, mantendo-os livres de danos, zelando por sua integridade para que as informações que neles contem, sejam acontecimentos passados ou presente. As informações estão representadas em registros de vários suportes para que possam servir de estudo para pesquisadores.

A mudança do Estado-Nação (liberal, burguês e capitalista) para um Estado Cultural, intervencionista do pós II Guerra Mundial, com um grande desenvolvimento tecnológico, científico e industrial, foi acompanhada pela coexistência dos arquivos históricos ou públicos e dos administrativos. Esse novo Estado Cultural conseguiu preservar o paradigma custodial e patrimonialista sem deixar de se apropriar da técnica documental composta de normas, procedimentos e orientações práticas centradas na descrição dos documentos e em pontos de acessos controlado ao conteúdo desses objetos. E assim, foi sendo gerado o que chamamos hoje, de paradigma pós-custodial², informacional e científico.

A transição do paradigma custodial para o pós-custodial acontece de forma gradual, tensa e ainda está em curso, mas ao contrário do que se propaga o paradigma pós-custodial não significa a extinção do documento, porque não se é pensado na desmaterialização da informação.

No final do século XIX e início do século XX, surgem as grandes máquinas eletrônicas, dentre elas o computador com um enorme poder de armazenamento que vêm a superar a capacidade humana de absorção da memória.

[...] se é verdade que o documento, entendido como informação (representações mentais e emocionais codificadas), mas o suporte (tem sentido intrínseco e suscita possíveis e diversas leituras) é e continuará sendo incontornável, e que o aparecimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) introduziu uma dinâmica nova na reprodução e na comunicabilidade dos conteúdos, contribuindo para que esta coexista, sem alterações estruturais internas, em dois ou mais suportes diferentes. (SILVA et al., 2011, p.67).

² Pós-custodial: surge em meio às tecnologias e a necessidade de disseminar a informação, é a crescente pluralidade de articulações e de interações centradas na coleta, produção, organização e na promoção do acesso a informação. (SILVA et al., 2011).

O paradigma pós-custodial então emergente buscou outra forma de mediação, organização e representação de conteúdos em bases de dados, em plataformas digitais e em como o usuário procurava a informação. É então que nasce a Ciência da Informação. Para o arquivista e historiador português:

A guarda de documentos e sua patrimonialização foi cedendo espaço à coleta, seleção e acesso as fontes necessárias, manifestando-se esta tendência quer no setor administrativo (corrente) e, sobretudo, na indústria e nos grandes laboratórios científicos [...] - e a expansão das TIC's em curso foi decisiva para isso. (SILVA et. al., 2011, p. 39-40).

A nova era da documentação implantou-se de forma natural, e logo surgiram novos serviços de informação ligados a novas tecnologias, exigindo novas atividades e novo perfil dos profissionais da informatização. Essa evolução nos sistemas de informação é ainda marcada pelos novos desafios trazidos pela internet.

A internet trouxe um novo ambiente de comunicação, a chamada Sociedade em Rede. Para Castells (2000), as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.

Sendo assim, as atividades humanas estão sendo modificadas com o uso da internet, está se vivenciando uma nova estrutura social, na vida e na cultura das pessoas, oferecendo novas oportunidades e desafios. E em meio à tamanha transformação, se dá a chegada do novo paradigma informacional e científico, o pós-custodial, que para os profissionais da documentação/informação trouxe e está trazendo mudanças significativas em sua formação e em seu modo de pensar (SILVA et al., 2011).

Esse novo paradigma valoriza a informação enquanto fenômeno humano e social prioriza o acesso à informação em condições definidas e transparentes ao público, pois só assim se faz valer a custódia e a preservação. Por este prisma faz-se necessário olhar além das normas e regras de procedimentos, conhecer e explicar a informação social através de novos modelos teórico-científicos para uma melhor eficiência (SILVA et al., 2011).

Nesta perspectiva, observa-se novo quadro de atividade profissional e disciplinar sintonizada às Ciências Sociais para o progresso dos profissionais da informação que se adaptam às novas políticas de gestão da informação. Isso abrange o campo convencional das bibliotecas, dos arquivos e dos centros de documentação, porque com a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, é preciso que estes se adaptem.

Para que a sociedade da informação tenha sucesso, é preciso que se desenvolvam novos suportes, novas estruturas das tecnologias da informação e novas pesquisas, exigindo um mercado mais consistente para a criação, armazenamento, transmissão, distribuição da informação, seja ela noticiosa, de serviços educacionais, atividades econômicas ou culturais com possibilidade digital (SILVA et. al., 2011).

Devido a essa nova era da informação, onde todo conhecimento científico e técnico passa por um processo de automatização, surge a Ciência da Informação (CI), paralela à biblioteconomia, à arquivologia e à documentação, o que a mantém em um processo de evolução.

A Ciência da Informação (CI) que brota deste novo paradigma é um projeto emergente, com fragilidades e potencialidades, sintonizado com o universo dinâmico das ciências sociais e centrado na compreensão do social e cultural, com influência direta no processo formativo dos futuros profissionais da informação (SILVA et al., 2011, p.69).

A Ciência da Informação (CI) é, pois, uma ciência social aplicada que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno infocomunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação, ou não, das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, coleta, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação) (SILVA et al., 2011).

A informação pode ser vista também como um artefato quando esta estabelecer uma relação de significados e ganha forma de registro. Como relata o pesquisador Pacheco (1995), a informação é um artefato, foi criada num tempo, espaço e forma específico, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada – o contexto de sua geração. Sendo assim, ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passiva de recontextualização.

Na década de 1980, ocorreram os primeiros conteúdos digitais, e a informação independentemente de seu suporte ganha grande importância, pois os países em desenvolvimento precisam de uma economia e sociedade automatizada e informatizada, e o eixo de tudo (ou para tudo) é a informação e suas bases de conhecimento. Essa nova fase de informatização ressalta principalmente os meios tecnológicos de registro. A informação deve ser organizada em ordens diversas tais como cultural, social, moral, passando por um processo de contextualização levando-se em consideração o tempo, o espaço e novas interpretações dessas informações. Nesse contexto, conforme Azevedo Netto (1998), a

informação é um fenômeno em que há a produção de um bem simbólico como também sua disseminação e consumo, que implica na sua própria produção, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica, dentro da sua recontextualização.

Nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento os avanços tecnológicos chegaram trazendo enormes transformações e reorganização da economia e da cultura social. A informação traz a possibilidade de um intercâmbio automático através de satélites reduzindo as distâncias entre os países. Já nos países desenvolvidos a indústria da informação é hoje o setor que mais se destaca. E no Brasil o setor que mais se destacou foi o das comunicações, como a TV e a telefonia, sendo a primeira uma grande responsável pela formação de opinião pública. Para viver esse novo paradigma pós-custodial é preciso que cada país monte suas próprias estratégias e ao se ajustarem aos novos aparatos tecnológicos, criar práticas que sejam desenvolvidos para melhor difusão do conhecimento (MIRANDA, 2003).

Esse novo meio de comunicação (internet), com potentes tecnologias e de estruturas modernas é um canal que abriga conteúdos tradicionais e também novos formatos e com variados suportes que necessitam de normas e processos técnicos para sua organização, tratamento, armazenamento e recuperação das informações.

Em tempo de transição vertiginosa e não menos paradoxal, em que se acentuam as alterações e se mantêm certas permanências e atavismos, vai ficando claro que a linearidade contida na mediação custodial está a ser substituída pela complexidade e pela variedade quando falamos de mediação pós-custodial. (SILVA et. al., 2011, p. 173).

A Ciência da Informação (CI) é interdisciplinar e está ligada a tecnologia da informação, vem participando da evolução da sociedade. Assim, traça sua área específica de atuação. Esta recebe um estoque de informação que tem a função de registro da memória social, e é responsável pela transferência de dados para aqueles que a busca seja para entender o passado ou a criação de novos conhecimentos (GALINDO, 2012).

Essa nova área nasceu em meio a mudanças sociais e avanços tecnológicos, exigindo profissionais qualificados para atender uma demanda de necessidades de organização da informação. Sendo assim, o profissional da informação deve adquirir um conjunto de conhecimentos e competências fundamentais para o desenvolvimento de suas atividades, que são basicamente a responsabilidade com a preservação, tratamento e disseminação da informação.

A Ciência da Informação envolvia a noção do processo que compreendia o movimento da informação em um sistema de comunicação onde os usuários buscavam recuperar uma informação para suas pesquisas. Para o pesquisador, a Ciência da Informação “é o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber” (OLIVEIRA, 1998, p.25).

Dessa forma, a Ciência da informação tem como base o registro das informações científicas de cunho intelectual de uma sociedade através de avaliação e processos técnicos informacionais que visam facilitar a busca na recuperação do conhecimento. Para esta o suporte não é mais importante e sim o conteúdo que nele contém. Pressupõe a análise de dados informacionais por meio de procedimentos técnicos que visam à elaboração e organização da memória. Os dados ficam armazenados e distribuídos em pontos de acesso para a recuperação da memória quando for preciso.

Sendo assim, a Ciência da Informação trabalha com o conhecimento registrado, analisando, tratando, organizando as informações e aplicando-os a um processo de informatização. Vale ressaltar que sem a informática seria impossível armazenar, processar e interpretar o imenso volume de dados existentes hoje em nossos sistemas operacionais. Isso inclui a disponibilidade de equipamentos, programas e redes de comunicação adequada para as bases de dados, garantindo assim o acesso aos dados armazenados (SILVA et al., 2011).

Esquecer um período da vida é perder o contato com os que estão ao nosso redor. Trazemos em nós ideias e sentimentos originados em outros grupos, construídas sobre uma base comum, pois a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confundem com elas.

O pesquisador Silva et al. (2011), lembra que, a aproximação da memória com a ciência da informação não é recente, mas só a partir do século XX, o mundo é visto como um lugar informacional e memorial. Informação e memória despertam uma economia de face imaterial (os bens disseminados nas redes sociais) e material (a valorização de bens culturais e preservação de patrimônios).

Para que a memória de uma sociedade não se perdesse é que foram criados os arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação, lugares responsáveis pela guarda e preservação da memória de uma sociedade. A memória e a Ciência da Informação interagem nas políticas de contenção, preservação e restauro da memória individual ou coletiva, biológica ou artificial. A vivência social é que vai determinar a memória coletiva a ser administrada na construção desta (OLIVEIRA et al., 2011).

Portanto, Memória e Ciência da Informação são multidisciplinares, pois abrigam áreas diferenciadas. Possuem como ponto em comum a questão da representação em suportes informacionais distintos. A informação é guardada para que venha a servir de memória e é organizada para que ao longo do tempo não se perca.

4 TEMÁTICAS ABORDADAS NO GT-10 (INFORMAÇÃO E MEMÓRIA) DO ENANCIB E METODOLOGIA DE TRABALHO

O décimo grupo de trabalho – GT-10 do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) foi criado pela Associação Nacional de Pesquisa em Pós-graduação em Ciência da Informação e áreas afins (ANCIB). Esse grupo aborda pesquisas que envolvem a relação da Memória Social com a Ciência da Informação, envolvendo conceitos, teorias e práticas do binômio “informação e memória”. Mais especificamente memória coletiva, coleções, discurso e memória; representações sociais do conhecimento; arte, cultura, tecnologia, informação e memória; preservação e virtualização da memória social.

O GT-10 (informação e memória), foi criado em 2010 no XI ENANCIB, realizado na cidade do Rio de Janeiro. O período aqui analisado será exatamente o de 2010 a 2013, ou seja, nos primeiros quatro anos de sua realização. Deixou-se de fora o ano de 2014, por questões de logística (por curto prazo para conclusão) na execução desse trabalho. Dessa forma, foram analisados nessa pesquisa, cento e trinta e cinco (135) trabalhos de pesquisadores acerca da Memória. Nesses trabalhos, buscou-se visualizar as temáticas, os principais autores citados e os conceitos de memória que foram empregados.

Devido à diversidade de temas abordados e com base na técnica de tratamento dos dados da análise de conteúdo, se criou categorias de assuntos para melhor especificar a “tipologia textual” dos trabalhos apresentados nesse evento de pesquisa. Para isso foi realizada uma leitura dos textos para reclassificá-los. Essas categorias foram organizadas em quadros, contendo os assuntos, o período, o tipo de comunicação (oral e pôster).

4.1. Análise de Conteúdo: breves notas

A primeira tentativa de análise de mensagens surgiu com a decodificação de símbolos, sinais e mensagens, por meio da exegese (avaliação minuciosa) dos textos bíblicos, para a possível interpretação de metáforas e parábolas contidas neste documento. O primeiro a realizar tal intento em 1920, foi Leavell. Posteriormente, no século XVII na Suécia, mais exatamente em 1640, análises de conteúdos prematuras são citadas em referência à pesquisa de autenticidade de hinos religiosos e os efeitos que por ventura poderiam ter sobre os luteranos. Neste evento foram verificados os temas, valores, modalidades e complexidade estilísticas destes escritos (BARDIN, 2011).

No período que compreende 1888 a 1892, o francês B. Bourbon tentou captar a expressão das emoções e das tendências da linguagem, utilizando para isso, escritos bíblicos, mais especificamente o êxodo, numa perspectiva temática e quantitativa. Outro trabalho importante sobre a utilização da análise de conteúdo passa ser o seu uso na interpretação dos artigos da imprensa, sobretudo nos Estados Unidos no início do século XX, onde há um maior desenvolvimento dessas técnicas, inicialmente para medir o impacto sensacionalista dos artigos, sempre seguindo um rigor quantitativista em relação ao tamanho dos títulos, artigos e número de páginas (CAMPOS, 2008).

Posteriormente com o advento da Primeira Guerra Mundial, o interesse voltou-se ao estudo da propaganda. Um trabalho de H. Lasswell editado em 1925 ilustra o fato, *Propaganda Technique in the World War*, agrupa análises de imprensa e propaganda deste período. Importante salientar que os Estados Unidos viviam um momento no qual os conceitos behavioristas eram amplamente aceitos, o que direcionava sua análise para uma vertente comportamental objetiva, que visava avaliar a relação estímulo/reação comportamental dos sujeitos envolvidos (CAMPOS, 2008).

O interesse pelas ciências políticas, nos Estados Unidos, na década de 1940, aliados aos acontecimentos da época, como a Segunda Guerra Mundial fez com que a análise de conteúdo fosse largamente utilizada na descoberta de jornais ou revistas que ofereciam propagandas subversivas, principalmente com ideologias nazistas. Nesta época, Lasswell da Universidade de Chicago, continuava seus estudos sobre a análise dos símbolos e a ele se juntaram outros pesquisadores de diversas áreas como sociólogos, psicólogos e cientistas políticos. Contudo, metodologicamente se projetaram também Berelson e Lazarsfeld, que sistematizaram as preocupações epistemológicas da época sintetizadas no livro “*The analysis of communication contents*”, editado em 1948. Berelson, Lazarsfeld e Lasswell foram os verdadeiros idealizadores de um instrumental de análise de conteúdo (CAMPOS, 2008).

Nas décadas que se seguiram até os tempos atuais, o que existe são debates e discussões a respeito do uso do método segundo as perspectivas quantitativas descritas por Berelson, Lazarsfeld e Lasswell e seus seguidores e as novas tendências, mais voltadas à procura dos conteúdos não manifestos e associadas às inferências sobre o material estudado, numa perspectiva qualitativa de pesquisa. Importante assinalar que o desenvolvimento da informática das últimas décadas trouxe no campo na análise de conteúdo, o desenvolvimento de programas de computação apropriados para a verificação da frequência de ocorrência de palavras em determinado texto, o que favoreceria uma abordagem por freqüenciamento do material.

Como visto, análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que foi trabalhada ao longo do tempo. Contudo, Berelson, foi um dos primeiros a sintetizar a análise de conteúdo como técnica de estudo, na década de 1940, a qual apresentava uma definição fortemente baseada no modelo cartesiano de pesquisa. Para ele, a análise de conteúdo se materializava como uma “técnica de pesquisa que visava uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa”. Hoje críticas se fazem em relação ao uso restrito que Berelson empregava, principalmente no tocante à negação dos conteúdos latentes da comunicação, como objeto de atenção nas análises (CAMPOS, 2008).

Posteriormente, na década de 1970, Laurence Bardin configura a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47). Porém, a própria autora afirma que este conceito não é suficiente para definir a especificidade da técnica, acrescentando que a intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2011).

Desta forma, atualmente, a técnica de análise de conteúdo refere-se ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos. Dessa forma, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, assim sendo, é destacada neste campo, a importância da semântica para o desenvolvimento do método. Entendendo-se por semântica aqui, a pesquisa do sentido de um texto.

Dessa maneira segundo Godoy (1995b), afirma que a análise de conteúdo, segundo a perspectiva de Bardin, consiste em uma técnica metodológica que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for à natureza do seu suporte. Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira.

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (CÂMARA, 2013).

Já Laurence Bardin (2011), indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais, que são: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e a interpretação. Dessa forma, o primeiro passo é a transcrição dos dados, se fruto de entrevista, ou a leitura do (s) textos escolhidos. Após esse primeiro momento deve-se iniciar o que a autora denomina de leitura flutuante. Em seguida, passa-se a escolha de índices ou categorias, que surgirão das questões norteadoras ou das hipóteses, e a organização destes em indicadores ou temas. Os temas que se repetem com muita frequência são recortados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (Bardin, 2011, p.100).

Na *segunda fase*, ou fase de *exploração do material*, são escolhidas as unidades de codificação, adotando-se os seguintes procedimentos de *codificação* que compreende a escolha de unidades de registro – recorte; a seleção de regras de contagem - enumeração - e a escolha de categorias - classificação e agregação -rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns, *classificação* semântico (temas,), sintático, léxico –agrupar pelo sentido das palavras; expressivo - agrupar as perturbações da linguagem tais como perplexidade, hesitação, embaraço, outras, da escrita, etc. e *categorização* (que permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los) (BARDIN, 2011)

Com a unidade de codificação escolhida, o próximo passo será a classificação em blocos que expressem determinadas categorias, que confirmam ou modificam aquelas, presentes nas hipóteses, e referenciais teóricos inicialmente propostos. Assim, num movimento contínuo da teoria para os dados e vice-versa, as categorias vão se tornando cada vez mais claras e apropriadas aos propósitos do estudo (BARDIN, 2011).

4.2 Trabalhos Apresentados no ENANCIB

Com base nos artigos acerca da memória e da ciência da informação, apresentados do XI ao XIV ENANCIB no grupo de trabalho – GT-10, intitulado informação e memória, buscou-se mostrar no período de quatro anos a diversidade de temáticas sobre memória no âmbito da Ciência da Informação no Encontro Nacional de Pesquisadores em Ciência da Informação do Brasil (ENANCIB).

Sendo assim, através de uma coleta de dados e de uma análise qualitativa dos conceitos envolvendo memória e ciência da informação em suas diversas possibilidades foram criadas categorias de Memória para melhor análise da literatura apresentada.

Foram definidas 10 categorias de memória, essas voltadas para o social, o patrimônio, a imagem fotográfica e fílmica, o cultural, a histórica, o digital, o científico, a biográfica, institucional e informacional. Dessa forma:

- No período de 2010 foi apresentado um total de 36 trabalhos: 03 voltados para a memória histórica, 03 memória patrimonial, 05 memória imagética, 05 memória cultural, 04 memória digital/virtual, 04 memória social, 05 específica, 01 memória bibliográfica, 01 memória institucional, 05 memória informacional;
- O período de 2011 totalizou 34 trabalhos, sendo: 02 memória histórica, 02 memória patrimonial, 03 memorial imagética, 06 memória cultural, 06 memória digital/virtual, 04 memória social, 05 memória científica, 03 memória bibliográfica, 02 memória institucional e 01 memória informacional;
- O ano de 2012 finalizou com 38 artigos a serem analisados: 04 na categoria memória histórica, 08 memória patrimonial, 08 na memória imagética, 03 na memória cultural, 02 memória digital/virtual, 04 memória social, 04 memória científica, 02 memória bibliográfica, 02 memória institucional e 01 memória informacional.
- Em 2013 houve uma redução na apresentação de trabalhos nesse grupo, totalizando 27 artigos: 01 memória histórica, 01 memória patrimonial, 04 memória imagética, 07 memória cultural, 01 memória digital/virtual, 03 memória social, 02 memória científica, 03 memória bibliográfica, 03 memória institucional e 02 memória informacional.

Para melhor visualização, optou-se por montar dois quadros gerais, organizando os trabalhos por ano e forma de apresentação. Posteriormente, em cada uma das categorias de memória estabelecidas, caracterizou-se os autores e o título dos trabalhos apresentados no ENANCIB, no período de 2010 a 2013.

Apresentando comunicação oral e pôster, como mostra nos quadros 1 e 2:

Quadro 1- ENANCIB XI – XIV: categorias de memória

ENANCIB XI –XIV 2010 -2013	2010	2011	2012	2013	Total
Memória Histórica	3	2	4	1	10
Memória Patrimonial	3	2	8	1	14
Memória Imagética	5	3	8	4	20
Memória Cultural	5	6	3	7	21
Memória Digital/Virtual	4	6	2	1	13
Memória Social	4	4	4	3	15
Memória Científica	5	5	4	2	16
Memória Biográfica	1	3	2	3	9
Memória Institucional	1	2	2	3	8
Memória Informacional	5	1	1	2	9
Total de artigos	36	34	38	27	= 135

Fonte: (BRITO, 2014)

Quadro 2. ENANCIB XI –XIV: categorias e comunicações

ENANCIB XI –XIV 2010 -2013	Comunicação oral	Comunicação pôster	Total
Memória Histórica	7	3	10
Memória Patrimonial	11	3	14
Memória Imagética	13	7	20
Memória Cultural	19	2	21
Memória Digital/Virtual	9	4	13
Memória Social	12	3	15
Memória Científica	13	3	16
Memória Biográfica	5	4	9
Memória Institucional	7	1	8
Memória Informacional	5	4	9

Fonte: (BRITO, 2014)

Com os dados obtidos podemos ver que praticamente não houve aumento ou diminuição de grandes proporções nos totais de trabalhos apresentados a cada ano estudado. Começando com 36 artigos, nos anos seguintes indo para 34, 38 e reduzindo no último ano para 27 apresentações. No ano de 2013, houve uma queda no número de trabalhos apresentados. Sendo esse um motivo para se pensar o porquê dessa diminuição; o que falta aos pesquisadores diante de uma diversidade existente de assuntos que envolvem a Memória e a CI, visto que existe um diálogo e interação entre ambas.

Na análise dos 135 trabalhos apresentados no GT-10 (Informação e Memória) do ENANCIB, podemos perceber a diversidade de temas que envolvem a memória e a CI, o que nos possibilitou a criação das 10 categorias de memórias, com títulos que relatam a memória social, histórica, cultural, digital, científica, biográfica, institucional, imagética, patrimonial e informacional. Assim através de tantas temáticas podemos comprovar que realmente existe uma interdisciplinaridade na área da CI, mostrando como a CI e a Memória são multidisciplinares e que conseguem interagir com diversos assuntos.

4.2.1 - Memória Histórica:

É a memória que se estabelece a partir de um passado vivido, de fatos importantes, aqueles que marcam um lugar, uma cultura, uma sociedade, local onde a memória e a história se relacionam. Está ligado à questão da identidade.

Segundo Barros (2011, p. 385), a memória e a história se entrelaçam nas memórias históricas. No momento que estas começam a desaparecer como condição natural das gerações, é que se apresenta o papel importante do registro de tais memórias, para que desta forma se possa obter um dado histórico, uma fonte de pesquisa e que estes consequentemente possam ser analisados criticamente, em confronto com a história contada pelos livros, por exemplo.

A história é a compilação dos fatos que ocupam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social (HALBWACHS, 2006, p. 100-1).

Quadro 3: Categoria Memória Histórica

TÍTULOS / IES	AUTORES
Memória, informação e identidade negra na Biblioteca Pública;	Francilene do Carmo Cardoso – Univ. Federal Fluminense.
Índices como fonte de memória e informação: experiência com os documentos avulsos referentes à Capitânia da Paraíba;	Maria Vitória Barbosa Lima / Laudereida Eliana Marques Moraes – UFPB.
Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri;	Arluci Goes Elliott / Mirian de Albuquerque Aquino – UFCE.
A Biblioteca Pública na (RE) construção da identidade negra;	Francilene do Carmo Cardoso/ Nanci Gonçalves da Nóbrega – UFF
Memória do movimento feminino no Brasil pelo discurso da divulgação científica;	Carmen Lúcia Ribeiro Pereira - ?
Memória e discurso dos arquivistas brasileiros na década de 1970;	Eliezer Pires da Silva / Evelyn Goyannes Dill Orrico - UNIRIO.
Memória de marcas registradas da Junta Comercial do Estado de Pernambuco (JUCEPE): uma importante fonte de informação histórica;	Ana Cláudia Gouvea Araújo / Fábio Mascarenhas e Silva / Murilo Artur Araújo da Silva / Leilah Santiago Bufrem – UFPE.
Resgate das contribuições dos segmentos da sociedade brasileira ao I Plano Nacional da Reforma Agrária (I PNRA);	Maria Auxiliadora Carvalho / Hugo Carlos Cavalcanti – UFPE; Abdias Vilar de Carvalho – Locus Planejamento e Desenvolvimento Local.
Das fontes do passado à memória em construção;	Gilda Maria Whitaker Verri – UFPE.
A rede informacional Franco Brasileira durante a Ditadura Militar no Brasil: o caso dos arquivos da CFDT.	Ricardo Medeiros Pimenta – IBCT.

Fonte: (BRITO, 2014)

É através da memória histórica que os acontecimentos de uma sociedade, os fatos considerados mais importantes, que fazem parte da origem, da cultura e da identidade de um povo são lembrados. Essa categoria interage com a memória, informação e a história, através de temas sobre a identidade negra; a Capitânia da Paraíba; o movimento feminino no Brasil; a história da Junta Comercial do Estado de Pernambuco; Reforma Agrária e a Ditadura Militar. Existe aí uma diversidade de fontes para estudo de nossa história, para que essa memória não se perca, também podemos ver que ela vem de várias regiões do país.

4.2.2 - Memória patrimonial

Para Sara Teixeira Martins (2011), o patrimônio é um conjunto de bens, materiais e imateriais, de interesse coletivo que faz recordar o passado, com a função de (re)memorar acontecimentos mais importantes, tendo assim, uma relação com o conceito de memória social. Dessa forma, a memória social legitimaria a identidade de um grupo, recorrendo para isso, ao patrimônio.

Segundo Choay (1992), o Patrimônio contribui para manter e preservar a identidade de uma nação daí o conceito de identidade nacional, de grupo étnico, comunidade religiosa,

tribo, clã, família. É a herança cultural do passado, vivida no presente, que será transmitida às gerações futuras. É o conjunto de símbolos sacralizados, no sentido religioso e ideológico, que um grupo, normalmente, a elite, política, científica, econômica e religiosa decide preservar como patrimônio coletivo. Portanto, há uma legitimação social e política do que é (ou não) patrimônio.

Quadro 4: Categoria Memória Patrimonial

TÍTULOS	AUTORES / IES
De coleção virtual a acervo dinâmico: o patrimônio e o seu valor informacional;	William Eduardo Righini de Souza / Guilia Crippa – Univ. de São Paulo.
O registro de congado como instrumento de preservação da memória: novas possibilidades;	Aline Pinheiro Brettas / Maria Guiomar da Cunha Frota – UFMG.
O patrimônio como determinação da memória: os bastidores da dinâmica processual do tombamento na casa do Presidente Prudente de Moraes;	Maria Cristina Grigoletto / Eduardo Ismael Murguia – Univ. Estadual Paulista.
Santa Rosa de Viterbo: mediações para uma discussão sobre a ideia de patrimônio cultural;	William Eduardo Righini de Souza / Guilia Crippa – SP.
Congadas mineiras como patrimônio intangível: reflexão sobre os registros realizados pela FUNARBE/IEPHA e pelo CRAV;	Aline Pinheiro Brettas – UFMG
Construção e análise do inventário do religioso paraibano: informação como representação social;	Silvia Regina da Motta Rocha / Carlos Xavier de Azevedo Netto - UFPB.
A discoteca Onleyda Alvarenga: construção e manutenção do patrimônio cultural brasileiro;	Ana Paula Silva - UFMG.
De arquivos pessoais a patrimônios documentais: análise dos registros memória do mundo, do Brasil, da UNESCO;	Renato Crivelli / Maria Leandra Bizello – UNESP
Patrimônio cultural e memória: bens culturais e preservação da memória no Vale do Gramame, João Pessoa – PB;	Eutropio Pereira Bezerra - UFPB.
O registro dos mestres das artes como estratégia de preservação da memória do povo paraibano;	Danielle Alves de Oliveira – UFPB.
Lembranças e esquecimentos na construção do patrimônio cultural na Paraíba – Brasil;	Maria da Vitória Barbosa Lima – PPGCI/UFPB.
A valorização da cultura afrodescendente nas políticas de preservação do patrimônio: o exemplo do CRAV;	Aline Pinheiro Brettas – UFMG.
A informação patrimonial: técnicas e tecnologias alternativas para a salvaguarda de acervos documentais.	Eutrópio Pereira Bezerra / Danielle Alves Oliveira – UFPE.

Fonte: (BRITO, 2015)

Esta categoria de memória patrimonial busca recordar o passado, seja através de bens materiais e imateriais, guardando acontecimentos que marcaram a vida social de um povo. Está representada por 14 títulos, que mostram o valor informacional do patrimônio, a preservação do congado, o tombamento da na casa do Presidente Prudente de Moraes, o patrimônio cultural como memória, dentre outros, mostrando a importância de se preservar esses patrimônios, conservando bens materiais e imateriais que registram a nossa memória e nos transmitem informações.

4.2.3 - Memória imagética

Quadro 5: Categoria Memória Imagética

TÍTULOS	AUTORES / IES
Imagens e redes: estudo das informações imagéticas como meio de representação de redes sociais;	Kelly Queiroz Barros - UFPB.
Informação, memória e objetos: uma análise sobre coleções na narrativa fílmica o cheiro do ralo;	Thaina Castro Costa – UFRJ.
Cinema e memória: ver, guardar, relembrar;	Maria Leandra Bizello – Univ. Estadual Paulista.
Informação e memória do futuro: uma leitura ficcional;	Leila Beatriz Ribeiro / Valéria Cristina Lopes Wike – UFRJ; Elisa Lopes Rendeiro – Univ. Veiga de Almeida.
O acervo de fotografias sobre o centro de Vitória: lugar de informação e memória;	Aparecido José Cirillo / Rosa Ferreira da Costa – UFES.
Uma cidade em saís de prata: alterações da paisagem de Vitória a partir do acervo fotográfico do Arquivo Público Municipal;	Aparecido José Cirillo / Rosa da Penha Ferreira da Costa-UFES.
Imagem e sociedade: a informação imagética como referente de construção de memória;	Kelly Cristiane Queiroz Barros – UFPB
O passado presentificado na coleção de cartas da Sra. Madeleine Wallace. (O fabuloso destino de Amelie Poulain);	Thaina Castro Costa – UFRJ
Informação e memória: uma análise documental dos icônicos das imagens de romarias de Juazeiro do Norte no acervo do laboratório de CI e Memória (LACIM) da UFC- Campus Cariri;	Airiluci Goes Elliotti / Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP.
Memória e Informação: acervos fílmicos e fotográficos do Distrito Federal e de Goiás;	Mirian Paula Manini – UnB
A representação de negros na memória iconográfica de Universidades Públicas na Paraíba;	Ana Roberta Souza Mota / Mirian de Albuquerque Aquino - UFPB.
Imagem, informação e memória coletiva: o acervo imaginário das comunidades quilombolas do Vale do Gramame-Paraíba;	Simone Rosa de Oliveira - Instituto de Tecnologia de PE; Maria Cristina Guimarães Oliveira - UFPE.
Mito e memória: a dinâmica da construção mítica em produções fílmicas;	Carmen Irene Correia de Oliveira - Univ. Fed. do Estado do Rio de Janeiro.
A informação étnico-racial em fontes iconográficas do Arquivo Histórico da Paraíba;	Mirian de Albuquerque Aquino / Thais Helen do Nascimento Santos – UFPB.
Memória fotográfica e rede humana de relações: estudo sobre redes de sociabilidade no Arquivo Fotográfico de José Simeão Leal;	Kelly Cristiane Queiroz Barros / Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – UFPB.
Fabricação de informação: o futuro se co(I)informa;	Leila Beatriz Ribeiro / Evelyn Goyannes Dill Orrico / Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei – UNIRIO.
Fotografias como documento e memória: uma análise das imagens de romeiros da cidade de Juazeiro do Norte/CE;	Airiluci Goes Elliott / Telma Campanha de Carvalho Madio – UNESP/Marília.
Memória e fotografia em instituições memoriais: a contribuição da organização da informação para o estudo dos sistemas memoriais;	Albertina Otávia Lacerda Malta – Fundação Joaquim Nabuco; Marcos Galindo - UFPE
O tempo na narrativa fílmica de um processo memo-informacional;	Leila Beatriz Ribeiro / Vera Dodebei / Evelyn Goyannes Orrico – UNIRIO.
A imagem fotográfica como memória cultural e indenitária das comunidades do Vale do Gramame-PB.	Sandra Maria Barbosa Lima – UFPB.

Fonte: (BRITO, 2014)

Nessa forma de armazenamento a memória através da imagem, “é o suporte imagético que, na maioria das vezes, vem orientando a reconstrução e veiculação da nossa memória, seja como indivíduos, seja como participantes de diferentes grupos sociais” (VON SIMSON, 2005, p.20). A autora ainda afirma que:

As imagens fotográficas têm exercido papel significativo nesse processo de seleção e registro do que deve ser armazenado e se constituem num útil sistema de transmissão da memória para alguns grupos sociais (...) o registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal ‘texto’ orientador da construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais. (VON SIMSON, 2005, p. 31).

Essa é a categoria de número 03 e está em segundo lugar em nossa pesquisa, mostrando a importância que os acervos fotográficos e fílmicos têm na representação da memória, através da imagem vivenciada em fotografias ou em filmes, como forma de armazenar os fatos vividos. Foram identificados 20 títulos que falam sobre: a imagem nas redes sociais, coleção de narrativa fílmica, a leitura ficcional, acervo fotográfico como lugar de informação e memória, memória iconográfica.

4.2.4 - Memória cultural

A memória cultural é constituída, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios. Por isso, pressupõe um conhecimento restrito aos iniciados. (DOURADO, 2013).

Quadro 6: Categoria de Memória Cultural

TÍTULOS	AUTORES / IES
Ciência da Informação e Museu de Artes: diálogos e interações no acesso as informações do acervo no Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba;	Thaís Catoira – UFPB
Humberto mauro: o cinema a serviço da educação e da saúde, como elemento de informação e memória;	Alice Ferry de Moraes – Fundação Oswaldo Cruz.
Informação turística e cultural: um estudo sobre o material publicitário na construção da memória social;	Valdir José Morigi – UFRGS; Carmen Lúcia Oliveira Costa – UFRGS / Pontifica Univ. Católica do Rio Grande do Sul.
Musealidade: um conceito para o estudo de cidade;	José Neves Bittencourt / Priscilla Arigoni Coelho – Univ. Fed. de Ouro Preto.
Memória, experiência e informação: a estação memória;	Ivete Pieruccini / Admir Perrotti – USP.
Informação e arte contemporânea: memórias do acervo do NAC/UFPB;	Thaís Catoira / Carlos Xavier Azevedo Netto – UFPB
Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na comunidade quilombola alcantareense de Itamatatua;	Cleyciane Cássia Pereira / Mirian Albuquerque Aquino – UFPB
Cinema como patrimônio cultural: arquivos de filmes como fontes de informação e memória;	Alessandro Ferreira Costa – UFMG.
Recuperação de herança informacional nas artes plásticas;	Gilda Maria Whitaker Verri / Márcia Cristina Miranda Lyra - ?
Musealidade como ferramenta de descoberta: Guignard em Ouro Preto, Ouro Preto em Guignard;	José Neves Bittencourt / Priscilla Arigoni Coelho / André Leandro Silva – Ouro Preto-MG.
Nota sobre um “discurso guarda-chuva”: museu, museologia, informação e memória;	Priscilla Arigoni Coelho - ?
Projetos aprovados pela FUNDARPE: uma aproximada representação da memória documental e cultural do Estado: 2003 -2009;	Simone Rosa de Oliveira - Instituto de Tecnologia de PE; Maria Cristina Guimarães Oliveira - UFPE.
Informação estética em redes de tradução: a obra de arte em sócio-técnico;	Gilda Maria Whitaker Verri / Hugo Carlos Cavalcanti – UFPE; Márcia Cristina de Miranda Lyra – ICLB (Inst. Cultural Ladjane Bandeira).
Mapping, memória e movimento: notas sobre a relação entre live cinema, cidade e performance nas projeções mapeada em tempo real;	Wilson Oliveira da Silva Filho / Leila Beatriz Ribeiro – UNIRIO.
Festas étnicas, memória e patrimônio cultural: informações sobre a oktoberfest nos sites oficiais de divulgação do evento;	Valdir José Morigi / Luis Fernando Massoni – UFRGS; Maria Madalena Zambi de Albuquerque – UFRGS/UFAL.
Gênese e singularidades nos processos curatoriais nos espaços de história natural: dos gabinetes aos museus como espaços discursivos da ciência e da “ideia de nação”;	Sabrina Damasceno Silva – IBCT/UFRJ/Museu Nacional; José Mauro Matheus Loureiro – UNIRIO.
O rumo dos objetos;	Carlos Xavier de Azevedo Netto – UFPB; Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro – Museu de Astronomia de Ciências Afins; José Mauro Matheus Loureiro – UNIRIO.
Memória gastronômica do povoado da Massagueira no Município de Marechal Deodoro em Alagoas;	Alan Pedro Silva / Clarice Vanderlei Ferraz / Nelma Camelo Araújo – UFAL.
Efhemera: a palavra do muro;	Pollyanna Farias Muniz – UFPE.
O samba como prática informacional: a cultura brasileira através da memória;	Patrícia Vargas Alencar – UNIRIO.
Na memória da tradição: informação sobre vida e obra de poetas populares brasileiros;	Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira / Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – UFPB

Fonte: (BRITO, 2014)

A memória cultural aqui é representada por acervos de arte, pelo cinema no papel de educar, o turismo como informação cultural, o museu e suas manifestações culturais, a música e seu valor cultural. Esta é a categoria que, no período de quatro anos do GT 10 (informação e memória) do ENANCIB foi a que mais trabalhos aglutinou com um total de 21 títulos.

Podemos assim, constatar que essa categoria traz diferentes temáticas, preservando a cultura de nossa sociedade, e a importância de se estudar a nossa origem cultural.

4.2.5 - Memória digital/virtual:

Quadro 7: Categoria Memória Virtual/Digital

TÍTULOS	AUTORES / IES
Memória virtual da arte digital;	Elizabeth Cristina Costa Monteiro – UFRJ.
Preservar o digital ou não, a questão de depósito legal;	Monica Rizzo Soares Pinto – Fundação Biblioteca Nacional.
Memória e socialização da informação na web;	Patrícia Silva / Isa Maria Freire / Geovanna Guedes Farias – UFPB.
O lapso da memória: um estudo sobre a preservação digital e o acesso a uma hemeroteca jornalística;	Henrique França – UFPB / Marcos Galindo – UFPE.
Objetos digitais em fluxo: a virtualização de acervos museológicos garante o acesso à aplicação social da informação patrimonial;	Maria Cristina Guimarães Oliveira / Albertina Otávia Lacerda Malta / Mário Gouveia Júnior – UFPE.
Ciberhistória, cibermemória e a informação sobre patrimônio cultural;	José Cláudio Oliveira – UFBA
Uso de tecnologia intelectual digital para preservação da memória da comunidade Santa Clara;	Isa Maria Freire / Maria Guedes Farias / Patrícia Silva – UFPB.
Centro de memória digital: estabelecimento de critérios para a sua implantação;	Valéria Martin Valls / Valéria Matias da Silva Ruenda / Aline de Freitas – USP
Política de preservação digital nos repositórios institucionais de acesso livre: o caso das instituições de ensino superior no Brasil;	Májory Miranda / Marcos Galindo / Susimery Vila Nova – UFPE
O sujeito e suas redes de dizer no on-line;	Ane Ribeiro Patti / Daniella Gorgenon / Lucília Maria Sousa Romã
As relações entre memória e internet entre nativos digitais;	Rosalí Maria Nunes Henriques - UNIRIO.
Narrativas no ciberespaço: memória informação e imagem no universo das redes sociais;	Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro / Leila Beatriz Ribeiro - UNIRIO.
A informação étnico-racial em blog: preservando a memória e construindo a identidade negra.	Jobson Francisco da Silva Júnior / Leyde Klebia da Rodrigues da Silva / Mirian de Albuquerque Aquino – UFPB.

Fonte: (BRITO, 2014)

As novas tecnologias digitais vêm evoluindo a grande velocidade, esse novo ambiente é chamado de “ciberespaço”, e de acordo com Monteiro (2007), pode ser entendido como uma:

[...] grande máquina abstrata, porque semiótica, mas também social, onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e, sobretudo, novos agenciamentos cognitivos. É um universo virtual, plástico, fluido, carregado de devires. (MONTEIRO, 2007, p. 1).

Esta categoria que envolve a nova tendência das tecnologias digitais e a nova forma de se registrar informação é representada em nossa sociedade pela arte digital, ou seja, pela informação na web. Estuda a preservação de documentos digitais, a digitalização de acervo

museológico, política de preservação digital nos repositórios institucionais, internet, ciberespaço, mostrando que já existem vários estudos acerca de novo meio de comunicação.

4.2.6- Memória social:

Quadro 8: Categoria Memória Social

TÍTULOS	AUTORES / IES
Virtualização e preservação da memória social: o caso do Museu da Pessoa;	Henrique França – UFPB; Marcos Galyndo – UBPB.
A memória social na era das novas tecnologias;	José Cláudio Oliveira – UFBA.
Política cultural, memória e informação: práticas e articulações para a construção social;	Maria Cristina Guimarães Oliveira / Simone Rosa de Oliveira / Helena Azevedo – UFPE.
Os contadores de história e a constituição de acervos para a preservação da memória comunitária;	Lídia Eugênia Cavalcante / José Gerardo Vasconcelos – UFCE.
Memória e reparação: os processos de violação aos direitos da criança na corte interamericana de direitos humanos;	Maria Guiomar da Cunha Frota – UFMG.
O livro como objeto de arte;	Miriam Paula Manini / Rafael Diego Greenhalgh – UNB
A imprensa na construção de imagens institucionais;	Nadya Maria Dops Miguel / Maria Rosa Santos Correia - ?
Informação e memória no cordel de circunstância: produção e fluxo;	Vânia Ferreira da Silva / Májory K. F. de Oliveira Miranda / Lourival Pereira Pinto – UFPE
Ex-votos do Brasil e das Américas: tecnologia e expansão da memória social;	José Cláudio Alves de Oliveira - UFBA.
Biblioteca Pública, memória e discursos identitários: uma leitura sócio-histórica dos depoimentos colhidos pelo projeto memória oral da Biblioteca Mario de Andrade (BMA);	Fabricio José Nascimento da Silva – ECI/UFMG
O documento e os lugares de memória: protagonistas na perpetuação da memória social;	Márcia Ivo Braz / Cínthia Maria Silva de Holanda / Marilucy da Silva Ferreira – UFPE.
Informação e memória: um modelo conceitual possível;	Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei / Evelyn Goyannes Dill Orrico – UNIRIO
Cartas ex-votivas: informação, memória e história de vida;	José Cláudio Oliveira – UFBA.
Memória e registro das violações aos direitos da criança nos documentos da corte interamericana de direitos humanos;	Maria Guiomar da Cunha Frota – UFMG.
A influência do colecionismo na representação da memória social: relações práticas e teóricas e suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade;	Admeire Silva Santos / Maria Leandra Bizello – UNESP

Fonte: (BRITO, 2014)

A memória, como fenômeno social, é coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo. Assim como o patrimônio cultural (ou como um patrimônio cultural), a memória social é dinâmica, mutável e seletiva; seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica “gravado na memória”, registrado para as gerações futuras. (HALBWACHS, 2006).

Foram encontrados nessa área 15 trabalhos que classificamos como memória social. Essa categoria está presente nas novas tecnologias, nas políticas para construção social, nos acervos de memória comunitária com seus contadores de história, nos direitos humanos, o papel da imprensa na divulgação da informação, no cordel, mostrando como a memória social vem sendo representada.

4.2.7- Memória científica

Quadro 9: Categoria Memória Científica

TÍTULOS	AUTORES / IES
O conceito de esquecimento como suplementar ao conceito de memória: novos estudos na C.I.;	Adriana Buarque de Holanda – UFPE
Teses e dissertações como referencial de memória: produções acadêmicas constantes no acervo da Biblioteca do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFPB (1975 – 2010);	Ilza da Silva Fragoso – UFPB.
Percepção pública da ciência, ficção-científica e memória;	Carmen Irene Correia de Oliveira – UFRJ.
O papel da informação na construção da memória coletiva pelo discurso da divulgação científica;	Evelyn Goyannes Dill Orrico – UFRJ.
O conceito de memória na C.I.: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil;	Eliane Braga de Oliveira / Georgete Medleg Rodrigues – UnB.
A coleção mossoroense engendrando o registro da memória científica de uma região;	Maria Cristina Guimarães Oliveira / Glessa Celestina de Santana - ?
Memória e informação: construindo o campo teórico-metodológico de conhecimentos;	Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei / Evelyn Goyannes Dill Orrico – UFRJ
A editora universitária da UFRN e o livro científico: lugares de memória do saber acadêmico;	Francisca Sirleide Pereira / Bernardina Maria Juvenal Freire -?
Memória e esquecimento na C.I.: um estudo exploratório;	Adriana Bolanda - ?
A memória e os sistemas memoriais;	Marcos Galindo Lima / Majory Oliveira Miranda / Borba da Rocha Vildeane – UFPE
Às margens do documento: reflexões sobre paisagens e outros artifícios;	Maria Lúcia de Niemeyer Matheus Loureiro – MAST; José Mauro Matheus Loureiro – UNIRIO / Carlos Xavier de Azevedo Netto - UFPB.
Verificação da ocorrência de estudos sobre memória na produção científica da C.I. no Brasil (2006-2010);	Eliane Braga de Oliveira / Raíssa Mota Castro - UnB.
O Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR – UFPB) e sua memória arquivada;	Laudereida Eliana Marques Morais – UFPB; Maria da Vitória Barbosa / Francisca Arruda Ramalho - PPGCI/ UFPB.
Coleções da EDUFRN: documentos e lugares de memória da divulgação científica da Editora Universitária da UFRN;	Francisca Sirleide Pereira – UFRN; Bernardina Juvenal Freire de Oliveira - UFPB.
Informação e memória: análise da produção intelectual do NDIHR/UFPB;	Maria da Barbosa Lima / Laudereida Eliana Marques Morais – UFPB.
O uso de mapas conceituais como proposta para a organização e representação do conhecimento nos estudos sobre memória na C.I.	Rafael Silva da Câmara / Leilah Santiago Bufrem – UFPE.

Fonte: (BRITO, 2014)

Para a autora a área científica se constitui “uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada – se possível com auxílio da linguagem matemática – leis que regem fenômenos”. (GIL, 2006, p. 20). Já para os autores “a ciência é um conjunto de conhecimentos racionais, certos ou prováveis, obtidos metodologicamente sistematizados e verificáveis, que fazem referência a objetos de uma mesma natureza” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 21).

Essa é a memória que cuida do saber científico; são estudos voltados para as diversas áreas da ciência, observando trabalhos envolvendo a linguagem que rodeia a memória e a CI. Os trabalhos dessa categoria apresentam os novos estudos na área da Ciência da Informação,

as produções acadêmicas recentes, a ficção científica e a memória e a construção do campo teórico-metodológico de conhecimentos.

4.2.8 - Memória biográfica:

Artières (1998, p.11), chama atenção para imagem de si própria e do arquivamento do eu - “arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social, a imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Quadro 10: Categoria de Memória Biográfica

TÍTULOS	AUTORES / IES
Memória e arquivos literários: a escrita de si como registro intimista;	Bernardina Maria Juvenal Freire Oliveira – UFPB.
Santuário de gente: a biblioteca privada de José Simeão Leal;	Bernardina Maria Juvenal Freire Oliveira – UFPB.
Memória e identidade de Olavo Bilac: um estudo de sua correspondência preservada no arquivo da Academia Brasileira de Letras (1887 – 1918);	Daniele Achilles / Durval Vieira - ?
Acervos pessoais: memória individual como ponto de vista da memória coletiva;	João Paulo Borges da Silveira - ?
Cartas natalinas: confissões de si, memória do eu;	Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira / Brenda Alves de Andrade - UFPB.
A biblioteca particular de Joseph Comblin como espaço de memória e preservação;	Aureliana Lopes de Lacerda Tavares / Pedro Manoel da Silva - UFPE.
Memórias cotidianas de Francielly;	Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira / Brenda Alves de Andrade – UFPB.
O arquivo Zeferino Vaz: um lugar de construção da memória da UNICAMP;	Gabriela Bazan Pedrão – UNESP; Eduardo Ismael Murguía – UFF
O legado literário do escritor Políbio Alvez;	Ana Cláudia Cruz Cordula / Bernardina Maria Juvenal Freire Oliveira – UFPB.

Fonte: (BRITO, 2014)

Os documentos não surgem do nada. Sua presença ou ausência nos arquivos vem de causas humanas que não fogem à análise. Os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam, eles mesmos, no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra posto em jogo é a passagem da lembrança através das gerações (BOCH, 2001).

Aqui, observa-se a importância do acervo pessoal de vultos importantes e presentes na memória coletiva, pessoas que fizeram história e foram reconhecidas pela sociedade em que viviam e mesmo fora dela. Os arquivos privados ou públicos que guardam a memória de

pessoas ilustres como Olavo Bilac, José Simeão Leal, Joseph Comblin, Políbio Alvez, fazendo um total de 09 títulos.

4.2.9 - Memória institucional

A memória institucional é uma (re)construção do passado das organizações, visto que não é possível, conforme Bergson (2006), voltar ao que não atua mais, ao tempo decorrido, se não for pela memória. Como em todo processo de escolha e de seleção, constituirá a memória da organização aquilo que foi relevante para ela e ela estará impregnada de cultura. Ou seja, para o autor, a cultura, os comportamentos, os símbolos, a identidade e a comunicação, o conjunto de elementos que formam a personalidade de uma empresa ou instituição, são os grandes pilares da memória.

Já a definição para o termo instituição no Houaiss (1999, p. 1119) é: “Estrutura decorrente de necessidades sociais básicas, com caráter de relativa permanência, identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis”.

Quadro. 11: Categoria de Memória Institucional

TÍTULOS	AUTORES / IES
O profissional arquivista e o registro da memória institucional do Rotary Club de Londrina;	Nadina Aparecida Moreno / Nelma camelo Araújo / Wilmara Rodrigues Calderon – Univ. Estadual de Londrina.
A centralidade da memória nas sociedades ocidentais contemporâneas;	Evelyn Goyannes Dill Orrico / Eliezer Pires da Silva - UFRJ
A Agência Nacional: documentação e memória;	Maria Leandra Bizello – UNESP.
Memória institucional: a série relatórios de atividades da Biblioteca Nacional;	Carlos Henrique Juvêncio / Georgete Medleg Rodrigues - UnB.
Política de informação na SUDENE 1960 – 1980: planejamento como tratamento da informação para a memória do desenvolvimento regional;	Ângela Cristina Moura do Nascimento / Denis Antônio de Mendonça Bernardes - UFPE.
Memória, lugares e documentos: centro de documentação e memória “Padre Antônio Jorge – CSSR” no santuário Nacional de Aparecida;	Bruna Gisele Motta / Maria Leandra Bizello – UNESP/Marília.
Reconstrução da memória institucional: o legado patrimonial dos arquivos UFES;	Luciana Itida Ferrari / Rosa da Penha Ferreira da Costa / Luiz Carlos da Silva – UFES.
Colégio Pedro II: a contribuição dos símbolos na formação de sua memória coletiva;	Tatyana de Marques Macedo Cardoso – UFRJ.

Fonte: (BRITO, 2014)

Através das instituições de memória que a cultura, as origens, e o passado vivido de uma sociedade são guardados. E os títulos dos trabalhos se referem a memória institucional são: a Agência Nacional, Biblioteca Nacional, SUDENE, falando ainda na reconstrução da memória institucional. São no total de 08 trabalhos envolvendo a memória institucional.

4.2. 10 - Memória informacional:

Essa categoria está representada em 09 títulos que envolvem o sistema de informatização, o direito de acesso a informação, a preservação da informação e da memória:

Quadro. 12: Categoria Memória Informacional

TÍTULOS	AUTORES / IES
Um sistema informatizado de gestão arquivística de documentos para o acervo das cartas e pinturas de José Simeão;	Laerte Pereira da Silva Júnior – UFPB.
Memória exercitada: direito de acesso à informação no âmbito dos arquivos permanentes;	Rosilene Paiva Marinho de Souza / Bernadina Maria Juvenal Freire de Oliveira – UFPB.
Modelo semiótico informacional como instrumento de recuperação da memória: interfaces entre a C.I. e a semiótica;	Carlos Xavier de Azevedo Netto / Tahis Virginia Gomes da Silva / Silvia Regina da Mota Rocha – UFPB.
Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais;	Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei – Univ. do Estado do Rio de Janeiro.
As categorias censitárias na construção da nação brasileira;	Nadya Maria Dops Miguel – Univ. Fed. do Estado do Rio de Janeiro.
O processo de organização da informação étnico-racial para preservação da memória afrodescendente em bibliotecas universitárias: um olhar nos catálogos on-line;	Vanessa Alves Santana – UFRJ
Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba na UFPB: a apresentação da informação para a preservação das memórias;	Núcleo de Arte Contemporânea da Paraíba na UFPB: a apresentação da informação para a preservação das memórias;
Bibliófilos e bibliodetetives: personagens de informação e memória;	Kelly Castelo Branco da Silva Melo / Leila Beatriz Ribeiro – UNIRIO.
Preservação da memória: técnicas e tecnologias alternativas para salvaguarda de acervos documentais.	Eutrópio Pereira Bezerra / Danielle Alves Oliveira – UFPE

Fonte: (BRITO, 2014)

A autora Ana Lúcia Siaines de Castro, afirma que no tocante à recepção da informação, sua condição é obrigatoriamente parcial, face às variadas estruturas informacionais ao nosso alcance e aos dispositivos de retenção, seleção e recuperação, ativados na interioridade do indivíduo. Torna-se, por isso mesmo, um foco importante considerar, que conhecer é escolher para eliminar algo ligado à seleção, na medida em que há uma real impossibilidade do indivíduo perceber tudo.

A mesma autora compreende que a associação entre informação e memória articula-se como uma produção de discurso organizada no sentido de garantir que acontecimentos, personagens e objetos materiais sejam expressos por conteúdos informacionais democraticamente acessíveis a todos, com a possibilidade de rever, reavaliar, resgatar ou rescrever seus conteúdos sociais.

O valor da informação pauta-se por preservar a confiança, a fim de que o espaço social e os agentes envolvidos possam conquistar condições de garantir as formas justas e adequadas da comunicação desses conteúdos informacionais que envolvem os mecanismos de transferência da informação, como avalia Nélida Gómez (1993).

Com base nos quadros apresentados nota-se que, a memória cultural nesse período de quatro anos foi a que mais apresentou trabalhos, perfazendo um total de 21 artigos. Em 2010 foram 05 trabalhos; tendo em 2011 um pequeno aumento foi para 06; já em 2012 houve uma queda, metade do ano anterior, apenas 03; voltando em 2013 a ter um aumento significativo de 07 artigos apresentados.

A memória institucional nesses quatro anos de ENANCIB, não teve destaque entre os trabalhos que foram apresentados, sendo esta a menor categoria, a qual fez um total de 08 trabalhos. Em 2010 apenas 1 trabalho; 2011 foi para 2 o número, continuando o mesmo em 2012; em 2013 tem um pequeno aumento, o número sobe para 03 trabalhos.

No geral dentre todas as categorias, 2012 representa o maior número de artigos apresentados fazendo um total de 38 trabalhos. A memória patrimonial e a memória imagética empatam com um total de 08 artigos cada uma. E de todos os quatro anos dos 135 trabalhos, 100 foram em comunicação oral e 35 em comunicação pôster.

4.2.11 Autores mais citados no GT – 10

Quadro 13: ENANCIB XI –XIV: autores mais referenciados

N.	Autores	Obras	N. de vezes referenciados
01	Jacques Le Goff	História e Memória	49
02	Maurice Halbwachs	A memória coletiva; Los marcos sociales de la memoria; La topographie légendaire des évangiles en terre sainte: étude de mémoire collective.	44
03	Pierre Nora	Entre memória e história: a problemática dos lugares; Le lieux de la mémoire.	38
04	Vera Dodebei	Construindo o conceito de documento; Patrimônio, informação e memória digital; Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer; Digital virtual: o patrimônio no séc. XXI; O que é memória social?; Novos meios de memória: livro e leitura na época dos weblogs; informação, memória e patrimônio: o conceito de acumulação e o ambiente virtual; Tesouro: linguagem de representação da memória documentária; Information et mémoire: une cartographie de la recherche brésilienne; Informação memória, conhecimento: convergência de campos conceituais; Repositórios institucionais: por uma memória criativa no ciberespaço; O sentido e o significado de documento para a memória social; Memória e informação: construindo campo teórico-metodológico de conhecimentos; Memória e informação: interações no campo da pesquisa; E o patrimônio.	29
05	Carlos Xavier de Azevedo Netto	A arte rupestre no Brasil: questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação; Preservação do patrimônio arqueológico através do registro e transferência da informação; Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados; Cultura, identidade e cultura material: a visão arqueológica; Informação e memória: as relações na pesquisa; Representação e interpretação: os conceitos de arte rupestre brasileira; Artefato como elemento da história e identidade; A relação entre informação, memória e patrimônio cultural: o caso das comunidades de Alcântara.	25

Fonte: (Brito, 2015)

Da relação dos 135 trabalhos que foram apresentados, após uma análise de suas referências bibliográficas, destacam-se como mostrado no quadro 14, que os estrangeiros Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Pierre Nora, são os mais citados nos trabalhos que envolvem a memória social, individual e coletiva, e na sequência vêm os brasileiros Azevedo Netto, Carlos Xavier de Azevedo Netto, Vera Dodebei, com conceitos sobre memória, patrimônio, informação e artefatos, documento, arte rupestre, memória digital, repositórios, tesouro, convergência de campos conceituais, cultura, identidade, patrimônio arqueológico.

Os resultados mostram a importância do estudo desses autores para análise das fontes das pesquisas apresentadas, além de trabalharem conceitos importantes, que contribuem para o enriquecimento e o aprimoramento de novos estudos, mostrando que são referência na maioria dos trabalhos apresentados.

Dos autores referidos acima, os conceitos mais utilizados foram:

Jaques Le Goff:

Para o historiador francês Le Goff (2003), a memória é a capacidade de conservar certas informações. É o elemento essencial para preservar a identidade individual ou coletiva, mas ressalta que a memória é uma ferramenta de poder. “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 2003. p. 469).

O autor ainda inter-relaciona a memória com a identidade de um povo, quando diz que a história de seus usos, costumes, tecnologias desenvolvidas, relações entre indivíduos de um grupo, todos esses elementos em conjunto com diversos outros determinam sua cultura, compondo assim o perfil indenitário de uma dada sociedade.

Segundo o mesmo autor, a memória compreende a capacidade que o ser humano tem de conservar ou guardar certas informações passadas e recuperá-las no momento presente.

A memória é o objeto em vários campos do saber e o seu conceito perpassa pelas esferas específicas de cada campo em que é utilizada. No sentido holístico, conceitua memória como propriedade de conservar certas informações, a que nos remete a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais, o homem pode atualizar informações passadas, em um momento presente. (LE GOFF, 2003, p. 149)

Nesta mesma obra quando Le Goff fala do Documento/Monumento, lembra da importância do documento na construção das sociedades e como sua preservação ou destruição é fruto de escolhas humanas.

Maurice Halbwachs:

O sociólogo francês Halbwachs, fala da relação entre memória individual e memória coletiva, mostrando que nossas lembranças são coletivas; recordamos em função do outro, mesmo quando se trata de eventos aos quais presenciamos sozinhos e de objetos que vimos sem nenhuma outra testemunha. Segundo o autor isso ocorre porque nunca estamos sozinhos.

Na visão de Halbwachs (2006) a memória individual abrange as lembranças pessoais e diferencia um indivíduo dos outros, sendo feita a seleção das lembranças que interessam ao indivíduo, as quais se referem a sua individualidade e personalidade; ao passo que, a memória coletiva remete à construção de lembranças de um determinado grupo que se relaciona e atribui sentido à sua vida.

Para o pesquisador, a memória é uma construção estruturada em quadros sociais bem definidos e delimitados. Assim, aceita a existência de grande variedade de memórias, ou seja, as memórias correspondem a diferentes grupos sociais.

Halbwachs (2006) ressalta que precisamos de testemunhos para evocar as nossas lembranças, como se eles servissem de ponto de acesso para nos lembrar das nossas vivências. O primeiro testemunho que evocamos para nos auxiliar nessa atividade é a nós mesmos, ou seja, os fatos para serem lembrados estão armazenados e precisamos conseguir chegar até eles.

Pierre Nora:

A memória envolve certa complexidade por se tratar de um processo inacabado, sempre em andamento, por se encontrar na subjetivação das entidades sociais e em uma emaranhada teia de outros conceitos relacionados que envolvem aspectos sociais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido, eterno presente (NORA, 1993).

Para Nora (1993), a biblioteca é lugar de memória onde a perspectiva da memória é vista como preservação. São estes lugares que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação.

Segundo o autor, o lugar de memória é um lugar duplo, um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas, constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

São os lugares de memória que permitem que haja uma “cristalização da memória”. Nora fala que os locais de memória existem porque não há meios de memórias. Com isso esses lugares são escolhidos, elevados, ou mesmo eleitos, para que se reconheçam neles algum significado histórico. Assim, a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos (NORA, 1993, p.19).

Vera Dodebei:

Para esta pesquisadora, preservar é manter a informação no tempo e no espaço, considerando que proteger é manter íntegro o original e que disseminar é manter a informação e transformações. (DODEBEI, 2008).

A autora afirmar que, “embora o sentido de acumulação não faça parte do mundo virtual, a digitalização do patrimônio permite a construção de coleções virtuais”, e nesse sentido, a autora salienta ainda, que, quando realizamos representações do conhecimento, produzimos estoques informacionais. Esses estoques informacionais são compreendidos dentro das noções da área tratada, assim, a utilização dos modelos, que são “construções da mente humana”, se tornam um fator colaborativo na organização e compreensão das informações (DODEBEI, 2002, p. 20).

Ao referir-se à cultura e ao patrimônio em relação à memória social estabelece-se que: a cultura é o elemento que a embasa; patrimônio, o conjunto de informações revelador de significados, e o objeto, o mediador das relações e ações sociais formando categoria constituinte ou inerente ao patrimônio. Os traços, os vestígios e anotações são documentos recheados de memória social “atualizado por circunstâncias, rememorados na dimensão do coletivo que é construção incompleta” (DOBEDEI, 2005, p. 43).

Azevedo Netto:

O pesquisador brasileiro Azevedo Netto (2007), define artefatos como elementos da memória e de identidade da cultura popular, carregados em si mesmos de fortes informações. Compreendendo os artefatos como objetos informacionais, de significados simbólicos.

O autor ressalta que, além de seu potencial informacional os artefatos trazem em si a capacidade de remeter aos indícios de um determinado grupo ou sujeito, uma vez que os

artefatos são fontes de memória por remeterem a marcas e vestígios de natureza histórica e social.

A memória, também nos conduz a noção de patrimônio cultural, pois, dentro de um acervo, os objetos podem ser entendidos também como elementos da cultura material, tornando-se um referente de vínculos de identidade, deslocando-se no tempo em forma de memória, sob as suas formas de representação. (AZEVEDO NETTO, 2008).

A proeminência da informação no processo de preservação da memória, segundo o autor, os artefatos/objetos/lugares de memória só fazem sentido quando reconhecidos como tal, e, por conseguinte, quando é estabelecida a sua significação por meio da informação. Esse insumo, quando disseminado, propicia o compartilhamento e a ressignificação da memória, fazendo com que o patrimônio exerça a sua funcionalidade de preservar a memória coletiva. (AZEVEDO NETTO, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido enfatizar que a memória, para determinados campos do conhecimento, é percebida como a capacidade psíquica de se conservar determinadas informações ou impressões passadas e atualizá-las; tal propriedade a aproxima das ciências humanas e sociais à medida que o ato mnemônico se relaciona com o comportamento narrativo e sua função social: a de comunicar a alguém uma informação (LE GOFF, 2003).

Através do referencial teórico que foi levantado, mostramos algumas reflexões sobre o tema Memória e Ciência da Informação, ou seja, como o homem transmitia as informações desde a oralidade até a chegada da escrita. Somente a partir do século XX o mundo é visto como um espaço informacional e memorial pelas sociedades. Assim, podemos ver a evolução na relação Memória e Ciência da Informação. Esta última, emergente em meio ao novo paradigma pós-custodial, trazendo uma nova forma de mediação da informação.

Nota-se que a memória não é objeto de uma única disciplina, esta vem sendo estudada nos espaços científicos de várias disciplinas, como a história, a arqueologia, a arquivologia, a ciência da informação, entre outras, cada uma com abordagens diferentes, segundo sua necessidade de pesquisa.

Baseando-se nos conceitos apresentados pode-se afirmar que, assim como o conceito de memória, a ciência da informação é uma ciência que engloba várias áreas do conhecimento científico, a exemplo da arquivologia, biblioteconomia, museologia, história, educação, ciência da computação, etc. Sendo assim, nota-se a necessidade por unir o conhecimento, devido à crescente busca por informação. Somente se tem conhecimento quando se tem informação, e é através desse conhecimento que se chega a uma visão de mundo, portanto, é preciso interrelacionar esses conhecimentos.

A Ciência da Informação investiga as propriedades da informação, a origem, a coleta, a organização, o armazenamento, a disseminação e a recuperação, para que o usuário tenha um acesso rápido e de qualidade.

A presença de um grupo de pesquisa acerca da memória no GT-10 (Informação e Memória) do Encontro Nacional em Ciência da Informação no Brasil (ENANCIB) tem abordado diversas temáticas na relação memória e ciência da informação, abrindo novas possibilidades de pesquisas nesta área.

A criação de quadros mostra como os 135 trabalhos foram organizados, diz a que conclusões os diversos títulos nos levou, a saber: que realmente existe uma variedade de assuntos que envolvem a memória e a CI; e que elas podem se interagir umas com as outras.

Graças a riqueza de temáticas foi possível a criação de 10 categorias de assuntos envolvendo a memória e a CI, como a memória histórica, patrimonial, imagética, cultural, digital, social, científica, biográfica, institucional e informacional.

Os quadros nos revelam dados significativos para novas pesquisas, mostra que dos 135 artigos, no período de 2010 a 2013, a memória cultural foi a que mais se desenvolveu, com 21 trabalhos apresentados no GT-10 (informação e memória).

Já a memória institucional é a que traz um menor número de trabalhos, um total de 8 apenas. Destaca-se ainda que, no geral 2012 representa o maior número de artigos, com um total de 38 apresentações, sendo que as memórias patrimonial e imagética empatam com 8 trabalhos cada. Pode-se ver também que dos trabalhos, 100 foram em comunicação oral e 35 em pôster.

Uma importante contribuição desta pesquisa é poder mostrar a diversidade de temas e os principais autores e conceitos referenciados, observando os trabalhos apresentados no GT-10 (Informação e Memória) do ENANCIB. Essa diversidade se dá devido à interdisciplinaridade do campo, mostrando a importância dessa interdisciplinaridade, pois a partir dela, têm-se um diálogo entre as diferentes ciências do saber.

A elaboração deste trabalho em uma base de dados é de grande valia a novos pesquisadores, podendo a partir desse levantamento, auxiliar novas pesquisas. Confirmou-se ainda a hipótese construída neste estudo, ou seja, as abordagens temáticas sobre memória trabalhada no GT-10 (Informação e Memória) suscitam diversas possibilidades de pesquisas para a área da Ciência da Informação e caracterizam-se pela multiplicidade inerente à informação. Espera-se assim, que os resultados obtidos promovam a visualização da incidência dos temas relacionando Memória e Ciência da Informação, bem como, para identificação das principais teorias, conceitos e categorias que envolvem os estudos na Ciência da Informação em relação à Memória.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **Informação e memória: as relações na pesquisa**. 2007. Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2007. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_da_Grande_Dourados>. Acesso em: 25 jan. 2014.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 21. 1998.

BARDIN, Laurence. **A análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, J. D'A. **Memória e história: uma discussão conceitual**. In: Tempos históricos – Dossiê: História, cinema e música./ Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus Marechal Cândido Rondon. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras. Colegiado do curso de História – v.15, n. 01. Ano XIII. 1º semestre. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2011. (p. 369-400)

BARROS, Kelly Cristiane Queiroz. Imagem e sociabilidade: a informação imagética como referente de construção de memória. **Enancib**, Brasília, v. XII, 23-26 out. 2011.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMARGO, Célia Reis. **Informação e Memória na sociedade contemporânea**: inter-relação entre os conceitos de informação e memória. São Paulo, 2007.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Minas Gerais, v. 2, n. 6, p.179-191, jul – dez, 2013.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Berger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p.148-207. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br>. Acesso em: 05 de fev. 2014.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Ciências Médicas**. Brasília. Distrito Federal, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 3 ed. São Paulo: Paz e terra, 2000. v. 1, 617 p.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. O valor da informação: um desafio permanente. **Data Gama Zero: revista de ciência da informação**, [s.l.], v. 3, n. 3, p.1-4, jun. 2002. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun02/Art_02.htm>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CHOAY, Françoise. *L' Allégorie du Patrimoine*. Paris, Editions du Seuil, 1992.

DICYT. **Ciência Brasil**. Disponível em: <<http://www.dicyt.com/noticia/presidente-do-enancib-2013-fala-sobre-o-evento-e-a-ciencia-da-informacao>>. Acesso em: 22 out. 2014.

DOURADO, Flávia. Memória cultural: o vínculo entre presente, passado e futuro. **Iea**, São Paulo, 23 maio 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 124 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo:Atlas, 2006.

GODOY, A. S. (1995b). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, 35(4), 65-71.

GALINDO, Marcos. **O domínio da memória**. Recife: UFPE, 2012.

GARRUTTI, Érica Aparecida; SANTOS, Simone Regina dos. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da Ffc**, Ceará, v. 4, n. 2, out. 2004.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, María Néida. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.22, n.3, p. 217-222. set./dez. 1993.

HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz (Trad.). **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo, SP: Centauro, 2006. 222 p.

HORLAND, Birger. A era da informação. **Ciência da Informação**, Salvador, v. 1, n.8, p.25-63, 24 maio 2013. Disponível em: www.ci.ufba.br. Acesso em: 28 de abr. 2014.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. 541 p.

LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

MARTINS, Sara D. Teixeira. **A Memória de um Lugar:** discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa. 2011. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.

MIRANDA, Antônio; SIMEÃO, Elmira (org.). **Ciência da informação:** teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília: Thesaurus, 2003. 212 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.80p.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **Datagramazero** - Revista de Ciência da Informação, v.8, n.3, jun. 2007. Disponível em: <[http:// www.dgz.org.br](http://www.dgz.org.br)>. Acesso em: 2 de jun. 2014.

NOVA FRONTEIRA. **NOVO Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. & RODRIGES, Georgete Medleg. **O conceito de memória na ciência da informação :**análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. Rio de Janeiro: Ibict, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br>. Acesso em: 20 de dez. 2014.

OLIVEIRA, Eliane Braga; RODRIGUES, Georgete Medleg. **As concepções de memória na ciência da informação no Brasil:** estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. 2009. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em: 25 out. 2014.

OLIVEIRA, Marlene de. **A investigação científica na ciência da informação:** análise da pesquisa financiada pelo CNPq. Brasília: UNB, 1998. 201p.

ORTEGA y GASSET, José. **Missão do bibliotecário.** Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PACHECO, Leila S. Informação enquanto artefato. **Cadernos de Programa de Pós-graduação e Ciência da Informação**, Rio de Janeiro: UFRJ – CNPq/IBCT, v. 1, n. 1, jan./jun., p. 20-24.

REAL ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Documentos, instituições de memória e ciência da informação. **Copenhague.**

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernando. **Paradigmas, serviços e mediações em ciência da informação.** Recife: Nectar, 2011. 217 p.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Imagem e memória.** In: SAMAIN, Etienne (Org.). O fotográfico. 2 ed. São Paulo: Editora Senac / Editora Hucitec, 2005. p. 19-32.

WERSIG, G.; NEVELLING, U. The phenomena of interest to information Science. **The Information Scientist**, v. 9, n. 4, p. 127-140, dec, 1975.

YAMASHITA, Marina Mayumi; PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. **Preservação do patrimônio documental e bibliográfico com ênfase na higienização de livros e documentos textuais.** **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 172-184, ago./dez. 2006.

